



**CLEMENS BRENTAN, BERNARD E, OVERBERG Y. WILLIAM WESENER**

**VISÕES E REVELAÇÕES DA VENERÁVEL**

**ANA CATARINA EMMERICK**

**TOMO XII**

**A VIDA DE JESUS CRISTO E DE SUA SANTA MÃE**

**De acordo com as visões da Ven. Ana Catalina Emmerick**

**Da Ressurreição de Jesus Cristo à Assunção de Maria  
Santíssima**

Versão online:

[www.valde.com.br](http://www.valde.com.br)

## Índice

A Primeira Festa do Amor (Ágape) após a Ressurreição.....	3
Comunhão dos Santos Apóstolos.....	4
Os discípulos indo para Emaús - Jesus aparece aos apóstolos na sala da última ceia.....	4
Os Apóstolos Pregando a Ressurreição.....	8
A Segunda Festa do Amor (Ágape). Tomé coloca a mão nas marcas das feridas de Jesus.....	11
Jesus aparece aos santos apóstolos no mar da Galiléia.....	14
As almas dos Patriarcas ao redor de Jesus.....	14
Jesus com as almas dos sacerdotes no Paraíso Terrestre.....	17
Pedro e os apóstolos após a pesca milagrosa.....	18
Jesus aparece aos quinhentos.....	18
Ágape em Betânia e na Casa da Última Ceia - A destruição dos lugares sagrados pelos judeus.....	20
A Majestade e Dignidade da Virgem Santíssima.....	21
Aumento da Comunidade.....	22
Os dias imediatamente anteriores à ascensão.....	24
A Ascensão de Jesus ao Céu.....	26
O Dia Santo de Pentecostes.....	29
A Igreja no Tanque de Betsaida.....	32
Pedro celebra a primeira Santa Missa na Sala da Última Ceia.....	35
Primeira Comunhão Geral dos Novos Convertidos. Escolha dos Sete Diáconos....	37
A Virgem Santíssima vai com João para os arredores de Éfeso.....	39
A “Santa Via Sacra” de Maria perto de Éfeso. Ela visita Jerusalém.....	42
Os Apóstolos chegam para assistir à morte da Virgem Santíssima.....	44
Morte, Sepultamento e Assunção da Virgem Santíssima.....	46
A gloriosa Assunção de Maria Santíssima.....	48
Casa da Virgem Santíssima em Éfeso - por Robert Larson.....	50

## **A Primeira Festa do Amor (Ágape) após a Ressurreição**

No salão de entrada aberto fora do salão da última Santa Ceia, Nicodemos preparou uma refeição para os Apóstolos, as santas mulheres e os discípulos. Tomé não estava presente. Ele se manteve em retiro absoluto. Tudo o que aconteceu nesta festa estava em estrita conformidade com as instruções de Jesus. Durante a última Santa Ceia, Ele deu a Pedro e João, que estavam sentados ao seu lado e a quem ordenou sacerdotes, instruções detalhadas relativas ao Santíssimo Sacramento, com a ordem de transmiti-las aos outros Apóstolos, junto com alguns pontos de Seus primeiros ensinamentos.

Vi primeiro Pedro e depois João comunicar aos outros oito Apóstolos, que estavam em círculo ao redor deles, o que o Senhor lhes havia confiado, e ensinando-lhes a maneira como Ele queria que este Sacramento fosse dispensado e os discípulos instruídos. Tudo o que Pedro ensinou foi repetido da mesma maneira por João. Os apóstolos vestiram suas vestes festivas. Pedro e João tinham, além disso, uma estola cruzada no peito e presa com um fecho. Os oito apóstolos usavam uma estola sobre um ombro, no peito e nas costas. Era presa debaixo do braço com um fecho cruzado. Pedro e João foram ordenados sacerdotes por Jesus; os outros ainda pareciam diáconos. Após essa instrução, as santas mulheres, em número de nove, entraram no salão. Pedro dirigiu-se a elas com algumas palavras de instrução. Vi João na porta recebendo na casa do mestre da festa dezessete (contei conformes) dos discípulos mais confiáveis, aqueles que estavam há mais tempo com o Senhor. Zaqueu, Natanæl, Matias, Barsabás e outros estavam lá. João os serviu enquanto lavavam os pés e vestiam roupas festivas, longas vestes brancas e cintos. Mateus foi enviado de volta a Betânia depois do discurso de Pedro, a fim de ali reproduzir, numa refeição semelhante dada na casa de Lázaro, as instruções que acabavam de ouvir e as cerimônias presenciadas. Havia muitos discípulos presentes nesta festa.

E então foi preparada uma mesa no salão de entrada. Era tão longa que os assentos de alguns discípulos se estendiam para além do salão e para o pátio arborizado que circundava o Cenáculo. Foram deixadas três entradas abertas para as mesas, para que se aproximassem delas com as iguarias. As santas mulheres agora sentavam-se juntas numa extremidade da mesma mesa com os homens. Elas também usavam longas vestes brancas. Elas estavam velados, mas sem que seus rostos estivessem ocultos. Sentavam-se de pernas cruzadas em banquinhos que tinham uma espécie de encosto nas costas. Pedro e João sentaram-se frente a frente no centro da mesa. Fecharam a fila masculina e depois começaram a feminina. Os sofás usados nesta festa não eram como os da Última Ceia. Eram almofadas baixas. Pareciam ter sido mal tecidos e eram longos o suficiente para receber a parte superior do corpo, pois mal chegavam abaixo dos joelhos. Cada um tinha diante de si uma almofada erguida sobre dois pés mais altos, presos em montantes cruzados. Ele estava em uma direção oblíqua. Todos estavam reclinados perto da mesa, os pés de um deles atrás do vizinho. Na casa de Simão e na Última Ceia, os convidados reclinavam-se em bancos de um tipo diferente, com os pés totalmente virados para fora. A refeição foi conduzida com cerimônia. Os convidados oravam em pé e comiam deitados, enquanto Pedro e João ensinavam. No final da refeição, um pão achatado e com ranhuras foi colocado diante de Pedro, que ele dividiu em pequenos pedaços divididos pelas ranhuras. Ele distribuiu-os à direita e à esquerda em dois pratos. Em seguida, uma xícara grande foi enviada e cada um bebeu dela. Embora Pedro tenha abençoado o pão, ainda assim não foi um sacramento, apenas um ágape, uma festa de amor. Pedro disse que todos deveriam desejar ser um, assim como o pão que comiam e o vinho que bebiam. Depois disso eles cantaram Salmos, em pé.

Quando as mesas foram afastadas, as santas mulheres retiraram-se para um apartamento em forma de semicírculo no final do corredor. Os discípulos se posicionaram de cada lado, enquanto os Apóstolos andavam de um lado para outro ensinando e transmitindo a esses discípulos maduros tudo o que desejavam a respeito do Santíssimo Sacramento. Esta foi como a primeira instrução catequética após a morte de Jesus. Vi também que eles andavam entre si, estendendo as mãos, declarando alegremente que teriam todas as coisas em comum, renunciariam a todas as coisas um pelo outro e viveriam perfeitamente unidos. Um sentimento de profunda emoção tomou conta deles. Eu os vi inundados de luz e, por assim dizer, dissolvendo-se um no outro. Tudo parecia se resolver numa pirâmide de luz na qual a Virgem Santíssima parecia ser não apenas o ápice, mas o centro radiante de tudo. Todas as graças fluíram em torrentes de Maria para os Apóstolos, e deles de volta através dela para o Senhor. Esta visão simbolizava a sua união e as relações recíprocas existentes entre eles. Mateus, no pátio da casa de Lázaro, ensinou muitos outros discípulos que não eram tão bem instruídos quanto os outros. Eles tiveram o mesmo tipo de refeição e passaram por cerimônias semelhantes.

## **Comunhão dos Santos Apóstolos**

De manhã cedo, Pedro e João foram com André ao salão da Última Ceia e vestiram as suas vestes sacerdotais, enquanto os outros Apóstolos entraram na antecâmara. Afastando as dobras da tapeçaria, os três Apóstolos entraram no Santo dos Santos, que estava coberto por uma cortina de modo a formar uma pequena câmara. O teto, que não era tão alto quanto o do salão, podia ser aberto por uma corda pendurada ornamentada com borlas, para deixar entrar a luz das janelas do teto do salão. A mesa da Sagrada Comunhão ficava ali. O cálice com os restos do Vinho que Jesus havia consagrado e o prato com o que sobrou do Pão consagrado estavam nos compartimentos em forma de tabernáculo num nicho da parede. Uma lâmpada estava pendurada, com um ramo aceso, diante do Santíssimo Sacramento. Acenderam a lâmpada do sacrifício que estava suspensa no centro do salão, levaram a mesa da Comunhão para o salão, colocaram sobre ela o Santíssimo Sacramento em sua caixa e apagaram a lâmpada no Santo dos Santos. Os outros apóstolos, entre eles Tomé, tomaram seus lugares ao redor da mesa. Do Pão consagrado por Jesus, do Santíssimo Sacramento do Seu Corpo, ainda havia muito no pratinho que ficava em cima do cálice, todo escondido sob uma tampa em forma de sino encimada por uma maçaneta. Um véu branco foi jogado sobre ele. Pedro tirou a folha da base, estendeu a tampa sobre ela e colocou sobre ela o prato com o Santíssimo Sacramento. André e João estavam atrás dele em oração. Pedro e João, curvando-se reverentemente, receberam o Santíssimo Sacramento. Então Pedro enviou a placa e cada um se comunicou. No cálice, onde não havia tanto vinho consagrado por Jesus, derramaram um pouco de vinho e água e beberam. Depois cantaram Salmos e oraram, cobriram o cálice e levaram-no, junto com a mesa, de volta ao seu lugar. Este foi o primeiro serviço divino que vi ser celebrado. Tomé foi depois disso para um lugarzinho perto de Samaria com um discípulo daquela parte do país.

## **Os discípulos indo para Emaús - Jesus aparece aos apóstolos na sala da última ceia**

Lucas estava entre os discípulos há pouco tempo, mas, antes de se juntar a eles, recebeu o batismo de João. Esteve presente na festa do amor e na instrução sobre o

Santíssimo Sacramento proferida por Mateus à noite na casa de Lázaro, em Betânia. Após a instrução, ele foi, perturbado e duvidoso, para Jerusalém, onde passou a noite na casa de João Marcos.

Lá ele conheceu vários outros discípulos, entre eles Cléofas, neto do tio paterno de Maria Cléofas. Ele estava seguindo as instruções e a festa de amor dada na casa da Última Ceia. Os discípulos falavam da Ressurreição de Jesus e expressavam as suas dúvidas. Lucas e Cléofas, especialmente, estavam vacilando na fé. Além disso, quando foram novamente divulgadas as ordens dos sumos sacerdotes, de que ninguém deveria abrigar os discípulos de Jesus ou fornecer-lhes comida, ambos resolveram ir juntos para Emaús. Eles deixaram a assembléia. Ao sair da casa de João Marcos, um virou à direita e saiu da cidade em direção ao norte, e o outro seguiu pelo lado oposto, como se não quisessem ser vistos juntos. Um saiu direto da cidade, o outro passou entre as muralhas e saiu pelo portão, além do qual se encontraram novamente em uma colina. Cada um deles carregava um cajado e um embrulho ao lado. Lucas tinha uma bolsa de couro. Eu o via frequentemente se afastando da estrada e colhendo ervas.

Lucas não tinha visto o Senhor durante aqueles últimos dias e não esteve presente em Suas instruções na casa de Lázaro. Ele esteve mais na hospedaria dos discípulos em Betânia e com os discípulos em Maquero. Ele não era um discípulo declarado há muito tempo, embora sempre andasse com os demais e estivesse muito desejoso de saber o que estava acontecendo.

Senti que ambos os discípulos estavam ansiosos e em dúvida, e que queriam conversar sobre tudo o que tinham ouvido. Eles ficaram especialmente irritados com o fato de o Senhor ter sido crucificado de forma tão ignominiosa! Eles não conseguiam compreender como o Redentor e Messias poderia ter sido tão vergonhosamente maltratado.

Mais ou menos no meio da jornada, Jesus aproximou-se deles por um caminho lateral. Assim que O viram, foram mais devagar, como se quisessem deixar o estranho seguir na frente, como se temessem ser ouvidos. Mas Jesus também diminuiu o passo e só saiu para a estrada depois que eles estavam um pouco adiantados. Eu o vi andando atrás deles por um tempo, depois se aproximando e perguntando o que eles estavam conversando. Onde a estrada se bifurcava fora de Emaús (um lugarzinho bonito e limpo), Jesus parecia querer pegar aquela estrada que seguia para o sul, até Belém. Mas os dois discípulos obrigaram-no a ir com eles para uma casa que ficava na segunda fila da cidade. Não havia mulheres ali, e me pareceu ser um bar, pois parecia que recentemente havia sido realizado um banquete ali. Alguns sinais disso ainda estavam visíveis. A sala era quadrangular e muito arrumada. A mesa estava coberta e em volta dela havia almofadas reclináveis, do mesmo tipo daquelas usadas na festa de amor do dia de Páscoa. Um homem colocou nele um favo de mel em uma vazilha semelhante a uma cesta, um grande bolo de quatro pontas e um pão de Páscoa pequeno, fino e quase transparente. Este último foi apresentado ao Senhor como o convidado. O homem que colocou o bolo na mesa parecia ser bom e usava avental, como se fosse cozinheiro ou mordomo. Ele não esteve presente na solene fração do Pão. O bolo era marcado por linhas, os espaços entre elas tendo cerca de dois dedos de largura. Uma faca estava sobre a mesa. Era branca, como se fosse feita de pedra ou osso, não reta, mas curvada e torta, e tão grande quanto uma de nossas grandes facas. Antes de comer o pão, eles faziam entalhes nas linhas com o corte afiado da faca, cujo corte ficava apenas na ponta. Por esta razão tiveram que segurá-lo perto da ponta. O pedaço previamente cortado eles então o separaram.

Jesus reclinou-se à mesa com os dois discípulos e comeu com eles o bolo e o mel. Então, pegando o bolo pequeno, aquele com ranhuras, Ele quebrou um pedaço que depois dividiu em três com a faca curta de osso branco. Estes Ele colocou no pratinho e abençoou. Então Ele se levantou, ergueu o prato com ambas as mãos, ergueu os olhos e orou. Os dois discípulos ficaram em frente a Ele, ambos intensamente comovidos e como se estivessem transportados para fora de si mesmos. Quando Jesus quebrou os pedacinhos, eles abriram a boca e se aproximaram dele. Ele estendeu a mão por cima da mesa e colocou a partícula na boca deles. Vi que quando Ele levou a mão com o terceiro pedaço à boca, Ele desapareceu. Não posso dizer que Ele realmente o recebeu. Os pedaços brilharam com luz depois que Ele os abençoou. Vi os dois discípulos parados por um momento, como se estivessem estupefatos, e depois se lançando com lágrimas de emoção nos braços um do outro.

Esta visão foi especialmente comovente devido à maneira suave e amorosa do Senhor, à alegria serena dos dois discípulos antes mesmo de O conhecerem e ao seu arrebatamento assim que O reconheceram e depois de Ele ter desaparecido. Cléofas e Lucas voltaram imediatamente para Jerusalém.

Na noite do mesmo dia, muitos dos discípulos e todos os apóstolos, exceto Tomé, reuniram-se com Nicodemos e José de Arimateia no salão da Última Ceia, estando as portas fechadas. Eles formaram um círculo triplo sob a lâmpada pendurada no centro do teto e oraram. Pareciam estar empenhados numa pós-celebração de luto ou de acção de graças, porque as solenidades pascais terminaram naquele dia em Jerusalém. Todos usavam longas roupas brancas. Pedro, João e Tiago Menor estavam vestidos com vestes que os distinguiam dos demais e seguravam rolos de escrita nas mãos. Em torno de sua vestimenta branca e esvoaçante, que era um pouco mais comprida do que antes, eles usavam um cinto com mais de um palmo de largura. Dele pendiam até abaixo dos joelhos tiras recortadas, pretas como o cinto, e cobertas com grandes letras brancas. O cinto era amarrado nas costas, as pontas cruzando-se e alcançando a altura das tiras da frente. As mangas eram muito largas e uma delas servia de bolso onde podiam ser enfiados os rolos de orações. Acima do cotovelo do braço esquerdo pendia um largo manípulo com borlas da mesma cor e bordado da mesma forma que o cinto. Pedro usava uma estola no pescoço. Era mais larga dos ombros para baixo do que ao redor do pescoço, e era cruzada e presa no peito por um pequeno escudo branco em forma de coração e ornamentado com pedras. Os outros dois apóstolos usavam as estolas cruzadas debaixo do braço e tinham tiras mais curtas nos cintos. Quando em oração, todos colocavam as mãos cruzadas sobre o peito. Os Apóstolos ocuparam o círculo interno sob a lâmpada; os outros dois foram formados pelos discípulos. Pedro, entre João e Tiago, ficou de costas para a entrada fechada da casa da Última Ceia; apenas dois estavam atrás dele, e o círculo não estava fechado à sua frente, mas aberto em direção ao Santo dos Santos.

A Virgem Santíssima esteve, durante toda a celebração, com Maria Cléofas e Madalena no salão exterior, que dava para a sala de jantar. Pedro pregava em intervalos durante as orações.

Fiquei surpreso ao ver que, embora Jesus tivesse aparecido a Pedro, João e Tiago, a maior parte dos apóstolos e discípulos não acreditava plenamente na Sua Ressurreição. Eles ainda se sentiam inquietos, como se Sua aparição não fosse real e corpórea, apenas uma visão, um fantasma, semelhante aos que os Profetas tiveram. Todos se reuniram novamente para orar depois da instrução de Pedro, quando Lucas e Cléofas, voltando apressados de Emaús, bateram nas portas fechadas do pátio e foram admitidos. A alegre notícia que relataram interrompeu um pouco a

oração. Mas mal foi continuada quando vi todos os presentes radiantes de emoção alegre e olhando na mesma direção. Jesus entrou pelas portas fechadas. Ele estava vestido com uma longa roupa branca simplesmente cingida. Eles não pareciam estar realmente conscientes de Sua aproximação, até que Ele passou pelos círculos e ficou no meio deles sob a lâmpada. Então eles ficaram muito surpresos e agitados. Ele mostrou-lhes Suas mãos e pés e, abrindo Suas vestes, revelou a Ferida em Seu lado. Ele falou com eles e, vendo que estavam muito aterrorizados, pediu algo para comer. Vi raios de luz saindo de Sua boca. Os apóstolos e discípulos ficaram como se estivessem completamente arrebatados.

E agora eu vi Pedro indo para trás de uma tela, ou pendurando uma tapeçaria, em um recesso do corredor que ninguém poderia notar, já que a tela era como todo o lambril. No centro deste recesso, no coração pascal, estava o Santíssimo Sacramento. Havia um compartimento lateral onde haviam empurrado a mesa, de trinta centímetros de altura, depois de terem comido reclinados em volta dela, sob a lâmpada. Sobre esta mesa havia um prato fundo e oval coberto com um pano branco, que Pedro levou ao Senhor. No prato havia um pedaço de peixe e um pouco de mel. Jesus deu graças e abençoou a comida, comeu e deu uma porção para alguns, mas não para todos. Também para Sua Santa Mãe e para as outras mulheres, que estavam na porta do salão externo, Ele também distribuiu alguns.

Depois disso eu O vi ensinando e fortalecendo-os. Os círculos ao seu redor ainda eram triplos, os dez apóstolos formando o mais interno. Tomás não estava lá. Pareceu-me maravilhoso que parte das palavras e instruções de Jesus tenha sido ouvida apenas pelos dez apóstolos, embora eu não deva dizer que ouvi, pois não vi Jesus mover os lábios. Ele estava resplandecente. A luz fluía sobre eles de Suas mãos, Seus pés, Seu lado, Sua boca, enquanto Ele soprava sobre eles. A luz fluía sobre eles. Tornaram-se recolhidos interiormente e sentiram-se dotados de poder para perdoar pecados, para batizar, curar e impor as mãos; e vi que, se bebessem alguma coisa venenosa, seria sem sofrer nenhum dano. Mas ali não vi falar com a boca, nem ouvir com os ouvidos. Eu não sabia como era, mas senti que Jesus não transmitiu esses dons com palavras, que Ele não falou em palavras e que nem todos ouviram o que Ele disse; mas que Ele infundiu esses dons substancialmente, com uma substância, por assim dizer, com um brilho de luz sobre suas almas. Ainda assim, não sei se os Apóstolos sentiram que as tinham recebido desta forma, ou se pensaram que simplesmente ouviram as palavras proferidas naturalmente. Senti, contudo, que foi apenas o círculo mais íntimo, os Apóstolos, que recebeu ou aceitou esses dons. Para mim foi como um discurso interior, mas sem sussurro, sem a palavra mais suave.

Jesus explicou aos Apóstolos vários pontos da Sagrada Escritura relativos a Ele mesmo e ao Santíssimo Sacramento, e ordenou que este último fosse venerado no encerramento das solenidades do sábado. Falou do Sagrado Mistério da Arca da Aliança; dos ossos e relíquias dos antepassados e da sua veneração, para assim obter a sua intercessão; de Abraão e dos ossos de Adão que ele possuía e que colocou sobre o altar ao oferecer sacrifício. Outro ponto relativo ao sacrifício de Melquisedeque, que então vi, esqueci, embora tenha sido muito notável. Jesus disse ainda que a túnica colorida que Jacó deu a José era um emblema de Seu próprio suor de sangue no Monte das Oliveiras. Com essas palavras, vi aquele casaco de muitas cores. Era branco com largas listras vermelhas. Tinha três cordões pretos no peito, com um enfeite amarelo no meio. Estava cheio ao redor do corpo para que as coisas pudessem ser colocadas nele como se fosse uma espécie de bolso e cingidas na cintura. Era estreito abaixo e tinha fendas nas laterais para permitir mais espaço para caminhar. Chegava até os tornozelos, era mais comprido atrás do que antes e,

no peito, estava aberto até a cintura. A veste comum de José chegava apenas até o joelho.

Jesus também disse aos discípulos que os ossos de Adão, que haviam sido preservados na Arca da Aliança, Jacó deu a José junto com a túnica multicolorida. Vi então que Jacó os deu a José sem que este soubesse o que eram. O amor de Jacó levou-o a concedê-los a José como meio de proteção, como um tesouro, porque sabia que os seus irmãos não o amavam. José carregava os ossos pendurados no peito numa pequena bolsa formada por duas tábuas de couro, não quadradas, mas arredondadas na parte superior. Quando seus irmãos o venderam, tiraram-lhe apenas o casaco colorido e a roupa de baixo, deixando-lhe uma bandagem na cintura e um escapulário no peito. Foi sob este último que ficou pendurada a bolsinha. Ao entrar no Egito, Jacó questionou José sobre aquele tesouro e revelou-lhe que eram os ossos de Adão. Novamente vi os ossos sob o Monte Calvário. Eles eram brancos como a neve e ainda muito duros. Alguns dos ossos do próprio José foram preservados na Arca da Aliança.

Jesus falou também do Mistério contido na Arca da Aliança. Ele disse que aquele Mistério era agora Seu Corpo e Sangue, que Ele lhes deu para sempre no Sacramento. Ele falou de Sua própria Paixão e de algumas coisas maravilhosas relacionadas a Davi, que eles ignoravam e que Ele explicou. Por último, Ele ordenou-lhes que fossem dentro de alguns dias para a região de Sichar, e ali proclamassem Sua Ressurreição. Depois disso, Ele desapareceu. Vi os Apóstolos e os discípulos andando entre si, perfeitamente embriagados de alegria. Abriram as portas, entraram e saíram, e reuniram-se novamente sob a lâmpada, para cantar cânticos de louvor e ação de graças.

## Os Apóstolos Pregando a Ressurreição

Naquela mesma noite, uma parte dos Apóstolos, a pedido de Jesus, dirigiu-se para Betânia, enquanto o resto partiu para Jerusalém. Os discípulos mais velhos permaneceram em Betânia para ensinar a fé aos mais jovens e mais fracos, o que fizeram parte na casa de Lázaro e parte na sinagoga. Nicodemos e José de Arimateia estavam hospedados na casa de Lázaro. As santas mulheres estavam num edifício vizinho, rodeado pelo mesmo fosso e pátio que cercava a casa de Lázaro. Tinha entrada pela rua e antigamente era ocupada por Madalena e Marta.

Os Apóstolos foram com um grupo de discípulos, entre eles Lucas, em direção a Sicar. Pedro disse com alegria enquanto eles partiam: “Iremos ao mar e pescaremos peixes”, palavras com as quais ele se referia às almas. Separaram-se e seguiram caminhos diferentes, ensinando nas pousadas e nos locais públicos da Paixão e Ressurreição de Jesus. Esta foi uma preparação para as conversões do Pentecostes. Eles se encontraram novamente na pousada nos arredores de Thanath-Silo. Tomé também, com dois discípulos, juntou-se a eles enquanto estavam reunidos para uma refeição preparada para eles pelo pai de Silvano, que cuidava da pousada. Os Apóstolos contaram a Tomé a aparição do Salvador ressuscitado no meio deles. Mas ele ergueu as mãos para silenciá-los e disse que não acreditaria até que tocasse Suas feridas. Ele fez o mesmo diante dos discípulos quando estes lhe declararam que tinham visto o Senhor. Tomé manteve-se um pouco distante dos seguidores de Jesus e, por isso, ficou um tanto enfraquecido na fé.

Pedro ensinou até tarde da noite na escola de Thanath-Silo. Ele falou abertamente sobre como os judeus haviam tratado Jesus. Ele relatou muitas coisas sobre Suas últimas predições e ensinamentos, sobre Seu amor indescritível, sobre Sua oração no Monte das Oliveiras e sobre a traição e o fim miserável de Judas. O povo ficou

muito surpreso e perturbado com tudo o que ouviram, pois amavam Judas, que na ausência de Jesus, ajudou muitos com sua prontidão em servi-los, e até fez milagres. Pedro não se poupou. Ele contou sua fuga e negação com lágrimas amargas. Seus ouvintes choraram com ele. Depois, com expressões de tristeza ainda mais veementes, ele contou quão cruelmente os judeus haviam tratado Jesus, de Sua ressurreição no terceiro dia, de Sua aparição primeiro às mulheres, depois a alguns dos outros e, por último, a todos em geral. e convocou todos os presentes que O tinham visto para testemunharem Suas palavras. Mais de cem mãos foram levantadas em resposta ao seu chamado. Tomé, no entanto, permaneceu em silêncio e não respondeu nenhum sinal. Ele não conseguia acreditar. Pedro então exortou o povo a deixar todas as coisas, a aderir à nova Comunidade e a seguir Jesus. Convidou os menos corajosos a irem a Jerusalém, onde os fiéis partilhariam com eles tudo o que tinham. Não havia, disse ele, nenhuma razão para temer os judeus, pois eles próprios agora estavam com medo. Todos ficaram muito impressionados com as palavras de Pedro e muitos se converteram. Queriam que os Apóstolos permanecessem mais tempo com eles, mas Pedro disse que deveriam voltar para Jerusalém.

Os apóstolos curaram muitos enfermos em Thanath-Silo, entre os quais havia alguns lunáticos e alguns possuídos. Realizavam essas curas tal como Jesus havia feito, ou seja, sopravam sobre os enfermos, impuseram as mãos inclinando-se sobre eles. Alguns desses inválidos Jesus havia passado sem curar por ocasião de Sua última visita ao local. Os habitantes de Thanath-Silo eram muito amigáveis com os apóstolos. Os discípulos não realizaram curas, mas serviram aos outros, carregando, levantando e conduzindo os enfermos. Lucas, que era médico, tornara-se agora um grande enfermeiro.

Vi a Mãe de Deus em Betânia. Ela estava quieta e séria, mais profundamente absorta em sentimentos de santo temor do que em tristeza natural. Maria Cleófas era extremamente amável e, de todas as mulheres, a mais parecida com Maria. Muitas vezes a vi inclinar-se suavemente sobre ela e consolá-la da maneira mais tocante.

Madalena, na sua dor e no seu amor, estava acima de todo o medo. Ela era perfeitamente heróica e sem pensar em perigo. Ela não descansava, mas muitas vezes saía de casa, corria pelas ruas com os cabelos esvoaçantes, e onde quer que encontrasse ouvintes, seja em suas casas ou em locais públicos, ela os acusava de assassinos do Senhor, contando com veemência tudo o que haviam feito. ao Salvador e anunciando-lhes Sua Ressurreição. Se não encontrava ninguém que a ouvisse, vagava pelos jardins e contava isso às flores, às árvores e às fontes. Muitas vezes uma multidão se reunia em torno dela, alguns compassivos com ela, outros insultando-a por causa de sua vida passada. Ela era pouco estimada pela multidão, pois já havia dado grande escândalo. Vi que sua atual conduta violenta escandalizou alguns judeus, e cerca de cinco deles queriam prendê-la, mas ela passou direto por eles e continuou como antes. Ela havia perdido o mundo inteiro de vista, ela só suspirava por Jesus.

Durante a dispersão dos discípulos e a Paixão do Senhor, Marta tinha um pesado dever a cumprir e ainda assim o cumpriu. Embora dilacerada pela dor, ela tinha que cuidar de tudo, ajudar em todos os lugares. Ela tinha que alimentar os dispersos e errantes, atender às suas necessidades, fornecer alimento para todos. Sua assistente em tudo isso, assim como na cozinha, era Joana Chusa, uma viúva cujo marido havia sido servo de Herodes.

Simão de Cirene estava agora em Betânia com os discípulos, entre os quais encontrou os seus dois filhos. Era um homem piedoso de Cirene, habituado a

permanecer em Jerusalém durante o tempo pascal, trabalhando para diversas famílias que o conheciam, cuidando de jardins e cortando sebes. Ele fazia suas refeições às vezes nesta casa, às vezes naquela. Ele era perfeitamente silencioso e reto. Os seus filhos já estavam há algum tempo entre estranhos e com os discípulos sem que ele o soubesse, como acontecia ocasionalmente com os filhos dos pobres. Naqueles dias, os emissários dos sumos sacerdotes percorriam Jerusalém, visitando todas as casas cujos proprietários mantinham comunicação com Jesus e os discípulos, dispensando-os de quaisquer empregos públicos que por acaso ocupassem, e prendendo qualquer um dos seguidores de Jesus ali encontrados. Nicodemos e José de Arimatéia não tiveram, desde o sepultamento de Cristo, mais nada a ver com os judeus. José de Arimatéia era algo como um ancião de uma congregação. Ele sempre estivera entre os judeus como um homem que, por seu mérito discreto e multiplicadas boas obras modestamente realizadas, conquistou a estima até mesmo dos ímpios. O que me alegrou muito foi ver como o marido de Verônica foi condescendente com ela quando ela lhe disse que preferia separar-se dele do que de Jesus crucificado. Vi que ele também foi exonerado do cargo público. Mas fui informada de que ele suportou isso mais por amor à esposa do que por amor a Jesus. Além disso, os judeus fizeram com que os caminhos e trilhas para o Santo Sepulcro no Monte Calvário fossem obstruídos por valas e sebes, porque se tinham tornado um balneário para muitos, e neles ocorreram diversos acontecimentos comoventes e milagres.

A inquietação interior de Pilatos o expulsou de Jerusalém. Herodes, alguns dias antes, havia ido para Machærus, mas não encontrando descanso lá, seguiu para Madiã. Ali, onde antes haviam recusado receber o Senhor, agora abriram as portas ao assassino.

Vi Jesus aparecer em muitos lugares durante estes dias e, finalmente, na Galiléia, num vale do outro lado do Jordão, onde havia uma grande escola. Muitas pessoas estavam juntas, falando sobre Ele e expressando suas dúvidas sobre o relato de Sua Ressurreição. Ele apareceu entre eles e desapareceu novamente após algumas palavras. Eu O vi aparecendo desta forma em diferentes localidades.

Os apóstolos retornaram muito rapidamente da região de Sichar. Eles enviaram um mensageiro à frente para Betânia, para anunciar seu retorno e para orientar vários dos discípulos a irem a Jerusalém no sábado. Outros foram ordenados a celebrá-lo em Betânia, pois já tinham uma certa lei e ordem. Os Apóstolos apenas percorreram os diferentes lugares do caminho sem parar. Tadeu, Tiago o Menor e Eliud foram em trajes de viagem, e à frente dos demais, para ver a Virgem Santíssima e Maria Cléofas na casa de João Marcos. Como já fazia muito tempo que não viam os recém-chegados, as santas mulheres ficaram muito contentes. Vi que Tiago trazia no braço uma veste sacerdotal, um manto, que as santas mulheres de Betânia haviam feito para Pedro, e que ele levava para a casa da Última Ceia.

Já era tão tarde quando os Apóstolos se reuniram na casa da Última Ceia que não puderam participar da refeição que lhes foi preparada. Eles tiveram que começar as solenidades do sábado. Eles imediatamente vestiram suas vestes cerimoniais, precedidas, é claro, do costumeiro lava-pés. As lâmpadas foram acesas e eu já observava algum desvio das cerimônias sabáticas judaicas. Primeiro, as cortinas foram abertas diante do Santo dos Santos, e o assento sobre o qual Jesus se reclinou à mesa na instituição da Sagrada Eucaristia foi colocado diante dele. Eles estenderam uma cobertura sobre ele e colocaram sobre ele seus rolos de oração. Pedro ajoelhou-se diante dele, João e Tiago um pouco atrás, o resto dos apóstolos atrás deles, e depois vieram os discípulos. Quando se ajoelharam, inclinaram a cabeça até o chão, enterrando o rosto nas mãos. A tampa do cálice foi removida,

mas o pano de linho branco ainda ficou pendurado sobre ele. Estavam presentes apenas os discípulos que já haviam sido iniciados no mistério do Santíssimo Sacramento, assim como principalmente aqueles que foram levados na viagem para Sichar e que viram o Senhor após Sua Ressurreição para que pudessem atestar o fato.

Pedro, tendo ao seu lado João e Tiago, fez uma meditação, ou oração, na qual se considerou a santa Instituição do Senhor e também a Sua Paixão, e se ofereceu um sacrifício interior de oração. Depois disso, sob a lâmpada, começaram as cerimônias habituais do sábado. Quando tudo acabou, eles fizeram uma refeição no salão externo. No próprio Salão de Ceia, não vi mais nenhuma refeição depois da instituição da Sagrada Eucaristia, exceto talvez a ingestão de pão e vinho.

Por ocasião da Sua aparição através das portas fechadas, Jesus ensinou aos Apóstolos aquele acréscimo ao serviço do sábado que se relaciona com o Santíssimo Sacramento.

A Virgem Santíssima foi levada a Jerusalém por Maria Marcus; e Verônica, que agora andava abertamente com ela, as acompanharam, junto com Joana Chusa de Betânia. A Virgem Santíssima gostava de estar em Jerusalém, pois ali podia percorrer sozinha, no crepúsculo e nas trevas, o Caminho da Paixão de Jesus, rezar e meditar nos lugares onde Ele sofreu ou caiu. E como ela não podia alcançar todos eles, porque os judeus tinham cercado alguns deles e preenchido outros, ela fez o Caminho Sagrado em casa, também, ou ao ar livre, pois ela tinha todas as distâncias e os os números relacionados com ele ficaram profundamente gravados na sua alma, e assim ela reviveu constantemente, nas suas contemplações compassivas, todo aquele doloroso caminho do seu Filho.

É certo que, depois da morte do seu Filho, a Virgem Santíssima foi a primeira a iniciar a devoção da Via Sacra e a prática da meditação da amarga Paixão, prática que continuou desde então.

## **A Segunda Festa do Amor (Ágape). Tomé coloca a mão nas marcas das feridas de Jesus**

Após o encerramento do sábado, tendo os apóstolos deixado de lado suas vestes cerimoniais, vi uma grande refeição servida no salão externo. Foi uma festa de amor, como a que acontecera no domingo anterior. Tomé deve ter celebrado o sábado em algum lugar da vizinhança, pois só o vi entrar depois da refeição, quando voltaram novamente ao Salão de Ceia. Ainda era cedo; as lâmpadas ainda não estavam acesas. Vários apóstolos e discípulos estavam no salão e vi outros entrando. Eles se vestiram novamente com longas vestes brancas e se prepararam para a oração como na ocasião anterior. Pedro, João e Tiago vestiram novamente as vestes que os distinguiam como sacerdotes.

Enquanto esses preparativos eram feitos, vi Tomé entrando na Sala de Ceia. Ele passou pelos apóstolos que já estavam vestidos e vestiu sua longa vestimenta branca. À medida que ele avançava, vi os apóstolos abordando-o. Alguns o pegaram pela manga, outros gesticulavam com a mão direita enquanto falavam, como se protestassem enfaticamente contra ele. Mas ele se comportou como alguém que tinha pressa em adquirir bens e como se não pudesse creditar o relato que lhe foi feito sobre as coisas maravilhosas que aconteceram naquele lugar. Enquanto tudo isso acontecia, um homem entrou no corredor. Ele parecia ser um servo. Ele usava um avental e tinha em uma das mãos uma pequena lamparina acesa e na outra uma haste que terminava em um gancho. Com esta última puxou para baixo a lâmpada que estava suspensa no centro do teto, acendeu-a e empurrou-a novamente para

cima. Então ele saiu do corredor! E agora vi a Virgem Santíssima, Madalena e outra mulher entrarem na casa. A Virgem Santíssima e Madalena entraram no salão, Pedro e João foram ao seu encontro. A terceira mulher permaneceu na antecâmara. O salão de entrada abria-se para a Sala de Ceia e também para alguns corredores laterais. As portas exteriores que davam para o pátio, bem como as do próprio pátio, foram fechadas. Muitos discípulos estavam reunidos nos corredores laterais.

Assim que Maria e Madalena entraram, as portas foram fechadas e todos se prepararam para orar. As santas mulheres permaneceram reverentemente de pé de cada lado da porta, com os braços cruzados sobre o peito. Os Apóstolos, ajoelhados diante do Santo dos Santos, oraram novamente como antes; então, sob a lâmpada, eles cantaram Salmos, alternadamente e em coro. Pedro estava diante da lâmpada, com o rosto voltado para o Santo dos Santos, João e Tiago Menor ao seu lado. À direita e à esquerda da lâmpada estavam os outros apóstolos. O lado voltado para o Santo dos Santos ficou livre. Pedro ficou entre os dois, de costas para a porta, de modo que as duas santas mulheres ficaram atrás dele, a alguma distância.

Depois de algum tempo houve uma pausa na assembléia, um intervalo de oração, ou como se a oração estivesse no fim, e eles começaram a falar em ir ao Mar de Tiberíades e em como se dispersariam. Mas logo assumiram uma expressão de arrebatada atenção, despertada pela aproximação do Senhor. No mesmo momento, vi Jesus no pátio. Ele estava resplandecente de luz, vestido com roupas brancas e um cinto branco. Ele dirigiu Seus passos para a porta do salão externo, que se abriu diante dele e se fechou atrás dele. Os discípulos no salão externo viram a porta se abrindo sozinha e recuaram para os dois lados para abrir espaço. Mas Jesus atravessou rapidamente o salão até a Sala de Ceia e se colocou entre Pedro e João que, como todos os outros apóstolos, recuaram para cada lado.

Jesus não entrou andando propriamente dito, isto é, da maneira usual dos mortais, e ainda assim não foi flutuando ou pairando, como tenho visto espíritos fazendo. Isso me lembrou, ao ver todos eles recuarem, de um padre em sua alva passando por uma congregação lotada. Tudo no salão pareceu tornar-se subitamente grande e brilhante. Jesus estava rodeado de luz. Os Apóstolos haviam recuado do círculo radiante, caso contrário não teriam sido capazes de vê-Lo.

As primeiras palavras de Jesus foram: “A Paz seja convosco!” Então Ele falou com Pedro e João e os repreendeu por alguma coisa. Eles se afastaram um pouco de Suas orientações, a fim de seguirem suas próprias idéias sobre alguma coisa e, conseqüentemente, não tiveram sucesso. Relacionava-se com algumas das curas que eles procuraram realizar ao retornar de Sichar e Thanath-Silo. Eles não seguiram as instruções de Jesus ao pé da letra e, portanto, não foram totalmente bem-sucedidos. Eles fizeram algo de acordo com suas próprias idéias. Jesus disse-lhes que se isso acontecesse novamente, eles deveriam agir de outra forma. Jesus agora entrou sob a lâmpada e os apóstolos fecharam-se em torno dele. Tomé, muito assustado ao ver o Senhor, recuou timidamente. Mas Jesus, segurando a mão direita com a mão direita, pegou o dedo indicador e colocou a ponta na ferida da mão esquerda; então, tomando a mão esquerda com a esquerda, colocou o dedo indicador na ferida da mão direita; por último, tomando novamente a mão direita de Tomé, colocou-a, sem descobrir o peito, sob a roupa, e colocou os dedos indicador e médio na ferida do lado direito. Ele falou algumas palavras enquanto fazia isso. Com a exclamação: “Meu Senhor e meu Deus!” Tomé caiu como se estivesse inconsciente, Jesus ainda segurando sua mão. O mais próximo dos apóstolos o apoiou e Jesus o levantou pela mão. Essa queda e ascensão tiveram algum significado peculiar.

Quando Jesus segurou a mão de Tomé, vi que Suas feridas não eram como marcas de sangue, mas como pequenos sóis radiantes. Os outros discípulos ficaram muito comovidos com esta cena. Inclinarão-se para a frente, sem, contudo, aglomerarem-se, para ver o que o Senhor estava permitindo que Tomé sentisse. Vi a Virgem Santíssima durante todo o tempo da permanência de Jesus, perfeitamente imóvel, como que absorta numa calma e profunda reminiscência interior. Madalena parecia mais agitada, mas manifestava muito menos emoção do que os discípulos.

Jesus não desapareceu imediatamente após a declaração de fé de Tomé. Ele ainda continuou a falar com os apóstolos e pediu algo para comer. Vi um pequeno prato oval trazido para Ele novamente da reentrância onde ficava a mesa. Não foi exatamente assim que Lhe foi apresentado na primeira vez. Nele havia algo que parecia um peixe, do qual Ele comeu, depois abençoou e distribuiu o que sobrou para aqueles que estavam ao seu redor, começando por Tomé.

Jesus então lhes contou por que Ele estava no meio deles, embora eles O tivessem abandonado, e por que Ele não se colocou mais perto daqueles que permaneceram fiéis a Ele. Ele lhes disse também que havia dado a missão a Pedro para confirmar seus irmãos e explicou por que Lhe dera essa incumbência. Então, voltando-se para todos eles, Ele lhes disse por que desejava dar-lhes Pedro como líder, embora ele o tivesse negado recentemente. Ele deveria, disse Ele, ser o pastor do rebanho, e ampliou o zelo de Pedro.

João trouxe no braço do Santo dos Santos o grande manto colorido e bordado que Tiago recebeu de Maria e no qual, naqueles últimos dias, as santas mulheres trabalharam em Betânia. Além disso, ele trouxe também um cajado oco e fino, alto e curvado na parte superior como o cajado de um pastor. Estava brilhando e parecia um longo cano. O manto era branco com largas listras vermelhas; e nele estavam bordados, em cores, trigo, uvas, um cordeiro e outros símbolos. Era largo e longo o suficiente para alcançar os pés. Era preso no peito por um pequeno escudo de metal de quatro pontas e delimitado na frente por listras vermelhas cruzadas por outras mais curtas com letras. Tinha uma gola e uma espécie de capuz, de cor azul celeste, que podia ser puxado sobre o pescoço e a cabeça.

Em seguida, Pedro ajoelhou-se diante de Jesus, que Lhe deu para comer um pedaço redondo, como um bolinho. Não me lembro de ter visto nenhum prato, nem sei onde Jesus conseguiu o bocado, mas sei que brilhava com luz. Senti que Pedro recebeu com isso algum poder especial, e vi também força e vigor derramados em sua alma quando Jesus soprou sobre ele. Esta ação de Jesus não foi uma respiração simples e comum. Foram palavras, um poder, algo substancial que Pedro recebeu, mas não apenas palavras faladas. Jesus colocou Sua boca na boca de Pedro, depois em seus ouvidos, e derramou essa força em cada um dos três. Não era o próprio Espírito Santo, mas algo que o Espírito Santo deveria vivificar em Pedro no Pentecostes.

Jesus impôs-lhe as mãos, deu-lhe um tipo especial de força e investiu-lhe o poder principal sobre os outros. Então colocou sobre ele o manto que João, que estava ao lado dele, segurava no braço e colocou o cajado em sua mão. Ao realizar esta ação, Jesus disse que o manto preservaria nele toda a força e virtude que acabara de Lhe transmitir, e que deveria usá-lo sempre que tivesse que fazer uso do poder de que havia sido dotado.

Pedro dirigiu-se à assembleia na sua nova dignidade. Ele havia se tornado um novo ser, um homem cheio de vigor e energia. Seus ouvintes ficaram muito comovidos; eles ouviram com lágrimas. Ele os consolou, aludiu a muitas coisas que Jesus lhes havia dito antes e que agora se cumpriam. Ele lhes disse, como ainda me lembro, que Jesus, durante a Sua Paixão de dezoito horas, suportou insultos e ultrajes do mundo inteiro. Naquele discurso foi mencionado o quanto faltava para completar os

trinta e quatro anos de Jesus. Enquanto Pedro falava, Jesus desapareceu. Nenhum alarme, nenhuma exclamação de surpresa irrompeu na atenção com que as palavras de Pedro foram recebidas. Ele parecia ser dotado de uma força inteiramente nova. Terminado o discurso, cantaram um Salmo de ação de graças. Jesus não se dirigiu nem à Sua Santíssima Mãe nem a Madalena.

## **Jesus aparece aos santos apóstolos no mar da Galiléia**

Antes dos apóstolos seguirem para o Mar da Galiléia, eu os vi percorrer o caminho do Calvário. Dali foram para Betânia, para onde levaram vários discípulos. Eles seguiram para o Mar da Galiléia em vários grupos. Pedro marchava acompanhado de João, Tiago Maior, Tadeu, Natanæl, João Marcos e Silas: eram sete homens que se dirigiam para a Galileia. Eles deixaram Samaria à sua esquerda. Eles percorreram estradas que não entravam nas cidades. Chegando a Tiberíades, ficaram num edifício de pesca que Pedro alugou e era cuidado por um viúvo com dois filhos. Comeram com o caseiro e ouvi Pedro dizer que fazia três anos que não pescava naquele lugar. Utilizaram dois barcos: um grande, em bom estado; outro menor. Deixaram para Pedro o barco principal, que ele ocupou com Natanæl, Tomé e um servo do pescador. João, Tiago, João Marcos e Silas entraram na outra embarcação. Pedro não permitiu que mais ninguém remasse: ele mesmo fez isso.

Embora tivesse sido distinguido por Jesus com tamanha dignidade, ele era muito humilde e modesto no trato, principalmente com Natanæl, homem fino e culto. Passaram a noite inteira pescando, lançando as redes, ora de um lado, ora do outro, sempre em vão: não pegaram nada durante toda a noite em que trabalharam à luz das tochas.

Às vezes eles oravam ou cantavam salmos. Pela manhã, ao amanhecer, aproximaram os barcos da costa, onde o Jordão desaguava para leste, e estavam prestes a lançar âncora, cansados do trabalho noturno.

Tinham tirado parte da roupa de pesca e estavam prestes a vestir novamente a roupa de descanso, quando viram uma figura emergir dos juncos da margem. Era Jesus quem gritou para eles: “Filhos, vocês têm comida?” Eles responderam: “Não, Senhor”. Então o Senhor disse-lhes que lançassem as redes a oeste do barco de Pedro. Para fazer isso, João teve que navegar em seu barco até a outra parte do barco de Pedro. Mais tarde, quando as redes ficaram tão carregadas de paz, João reconheceu Jesus e gritou para Pedro: “É o Senhor”. Então Pedro vestiu rapidamente outra roupa, atirou-se nas águas e marchou em direção a Jesus através dos juncos da praia. Enquanto isso, João entrou em um pequeno barco, acoplado ao seu barco. Cada barco tinha dois desses barcos nas laterais, que serviam para se aproximar da costa onde havia pouca profundidade: eram barcos tão pequenos que neles cabia apenas um homem.

## **As almas dos Patriarcas ao redor de Jesus**

Enquanto os apóstolos estavam ocupados pescando, vi Jesus cercado por muitas almas dos Patriarcas, que Ele havia libertado do limbo (seio de Abraão).

Muitas almas libertadas de lugares, cavernas, pântanos e desertos onde estavam relegadas também o cercaram. Eu os vi vindo do vale de Josafá. Durante todo o tempo que Jesus não estava com os apóstolos, vi-o rodeado pelas almas destes antepassados, especialmente daqueles que pertencem à sua genealogia, desde Adão e Eva até Noé, Abraão, os outros Patriarcas e todos os seus descendentes. Jesus ia com eles, mostrando-lhes todos os lugares e mostrando tudo o que Ele fez

e sofreu por eles. Eles se sentiam confortados e purificados ao mesmo tempo e cheios de gratidão.

Ele lhes ensinou os mistérios do Novo Testamento, pelos quais eles agora estavam livres de seus confinamentos. Vi-o caminhando com aquelas almas por Nazaré, pela gruta de Belém e por todos os lugares onde aconteceram os mistérios da Redenção. Podia-se distinguir nestas almas, por uma certa força em algumas e uma certa fraqueza ou delicadeza em outras, quer sejam homens ou mulheres informados. Eles me eram representados vestidos com hábitos longos e brilhantes: parecia que suas vestes ficavam atrás deles, mais compridas, em muitas dobras. Os cabelos apareciam neles, não como tais, mas como raios de certo significado e reconhecia esse brilho até nas barbas dos santos. Eram sinais externos, distinguia os reis, e especialmente os sacerdotes que tiveram relação com a Arca da Aliança, a partir de Moisés. Vi estas almas pairando e flutuando em torno de Jesus, de modo que também ali havia uma ordem perfeita: flutuavam e moviam-se com calma e nobreza; Eles tinham seu jeito de andar, não um que tocava a terra, mas um que mal tocava o chão.

Vi Jesus vir na companhia destas almas quando os apóstolos pescavam.

Havia ali uma cerca com uma espécie de buraco coberto por um telhado onde mantinham uma casa, talvez para uso dos pastores. Não vi que o Senhor acendesse o fogo, ou que preparasse os peixes, ou que os tivesse tirado de algum lugar. O fogo para a lareira, os peixes e tudo o que era necessário apareciam na presença dos Patriarcas onde o Senhor queria: de que forma, não sei dizer. Jesus pensou que tinha isso e tudo apareceu ali.

As almas desses ancestrais participavam do peixe e de seu preparo. Jesus relacionou-o à Igreja Militante e às almas da Igreja Purgativa. Estas almas permaneceram nesta refeição como se estivessem incorporadas, mesmo externamente, à Igreja. Jesus, ao comer este peixe, deu aos apóstolos o sentido da união da Igreja purgativa com a militante. Jonas, dentro do peixe, significava Cristo dentro da terra, no mundo inferior.

Na frente de uma cabana havia uma viga de madeira que servia de mesa.

Enquanto eu observava estas cenas das almas dos Patriarcas, Jesus chegou perto do mar. Pedro não nadava; Caminhava pelos juncos; A água não era profunda e ele podia ver o fundo. Já perto de Jesus, João chegou à margem, e os que estavam no barco gritaram aos que estavam na margem para ajudá-los a puxar as redes para terra. Jesus disse a Pedro para trazer os peixes. Puxaram as redes para a margem e Pedro tirou os peixes e jogou-os na margem. Havia 153 peixes de vários tipos. Este número indicava os novos convertidos obtidos em Tebes. Várias pessoas dos pescadores de Tiberíades permaneceram nos barcos para guardar os peixes. Os apóstolos, porém, retiraram-se com Jesus para a cabana, para comerem como Jesus lhes havia ordenado. Lá não vi mais as almas dos antigos Patriarcas. Os apóstolos ficaram muito surpresos ao verem o fogo aceso e um peixe em cima das brasas, sabendo que não era um dos recém pescados. Havia também torradas feitas de farinha e mel. Os apóstolos aproximaram-se do cinto e Jesus serviu. Vi como ele deu a cada um um pedaço de peixe da frigideira no pão e como o peixe não diminuiu. Ele também deu bolos de mel a cada um deles. Então ele sentou-se e comeu com eles. Tudo isso aconteceu com certa solenidade e silêncio. Tomé foi o terceiro que sentiu a presença de Jesus no barco. Todos estavam como que inibidos, com espanto, porque Jesus agora aparecia numa forma mais espiritual do que antes, e a própria refeição e este intervalo tinham algo sobrenatural que os impedia da familiaridade de antes.

Ninguém se atreveu a perguntar nada e tudo transcorreu em silêncio, com admiração e choque sobrenatural. Jesus parecia mais espiritualizado e não se via a impressão de suas feridas.

Depois da refeição, vi Jesus caminhando com eles à beira-mar e perguntando a Pedro com certa solenidade: “Simão, filho de Jonas, você me ama mais do que estes?” Pedro respondeu com medo: “Senhor, tu sabes que te amo”. Jesus disse-lhe: “Naquele momento vi uma imagem da Igreja e do Bispo supremo: como ele ensinava e guiava o terno cordeirinho. Enquanto Jesus caminhava, às vezes os outros paravam e se aproximavam dele.

Depois de uma pausa, perguntou novamente a Pedro: “Simão, filho de Jonas, você me ama?” Pedro, constrangido e lembrando-se de suas negações, respondeu com muita humildade: “Sim, Senhor; tu sabes que eu te amo”. Jesus disse-lhe novamente solenemente: “Apascenta as minhas ovelhas”. Novamente tive uma visão da Igreja, já crescida e das perseguições, e de como o Bispo Supremo reunia, guiava, guardava os fiéis e enviava-lhes outros pastores.

Depois de outra pausa, depois de terem dado alguns passos, Jesus perguntou novamente: “Simão, filho de Jonas, você me ama?” Pedro ficou triste, porque pensava que Jesus não acreditava nas suas palavras e porque também se lembrava da sua tripla negação, e assim respondeu: “Senhor, tu sabes tudo. Tu sabes que eu te amo”. Compreendi então o que João pensava: “Oh, que amor tem Jesus e que amor deve ter um pastor de almas, já que Pedro, a quem dava o rebanho, era questionado três vezes sobre o amor”. Jesus disse-lhe novamente: “Apascenta as minhas ovelhas”. Depois acrescentou: “Em verdade te digo que quando eras jovem te cingias e ias para onde querias; quando você ficar velho, outro vai te cingir, enquanto você abre os braços, e te levará para onde você não gostaria de ir sozinho. “Siga-me.”

Então Jesus virou-se para continuar o seu caminho e João foi com ele; o Senhor falou-lhe apenas algo que eu não pude ouvir: Mas vi que Pedro olhou para João e, apontando-o ao Senhor, perguntou: “Senhor, o que será deste?” Jesus respondeu-lhe, repreendendo sua curiosidade: “Se eu quiser que ele permaneça até que eu venha, que te importa isso? Tu segue-me”. Jesus virou-se e eles continuaram a caminhar.

Quando Jesus disse três vezes a Pedro: “Apascenta as minhas ovelhas”, e que o amarrariam e o levariam quando fosse velho, tive uma visão do progresso da Igreja e vi Pedro em Roma, sendo amarrado para ser crucificado, também vi os martírios dos santos mártires. Pedro teve uma visão do seu futuro martírio e dos sofrimentos futuros de João. Mas quando Pedro viu João ao lado de Jesus, sabendo o quanto este apóstolo amava o Senhor, ele pensou: “Este também não deveria ser crucificado?” Jesus respondeu com uma repreensão.

Neste momento tive uma visão da morte de João em Éfeso: vi como ele se colocou no sepulcro e como falou com os seus discípulos, e depois morreu. Mas não vi o seu corpo após a sua morte permanecer na terra, mas antes ser levado para uma região resplandecente, entre o Oriente e o Sul; Lá eu vi como se ele recebesse algo do alto e entregasse à terra. Entendi também que alguns entenderiam erroneamente essas palavras e pensariam: “Quero que ele permaneça assim”, ou então: “Sim, quero que ele continue assim”. Mas deve ser entendido assim: “Se eu quiser, deixo-o ficar”. Os outros, que ouviram as palavras, pensaram que João não morreria: mas na realidade ele morreu naquele tempo, tive uma visão da morte dele e seu futuro destino e local de estadia.

Jesus passou algum tempo com os apóstolos e disse-lhes o que deveriam fazer.

Depois desapareceu a leste do mar em direção a Gergesa. Os apóstolos dirigiram-se

então para Tiberíades, sem voltar ao local onde Jesus os alimentara. Dos peixes que Jesus os fez pescar, nenhum foi usado para comer. Quando Jesus lhes disse que trouxessem os peixes, Pedro os tirou das redes e os jogou aos pés do Mestre, onde foram contados. Este foi um reconhecimento de que o peixe não foi fruto das suas pescarias, mas de Jesus, para Jesus e em Jesus. Quando os peixes estavam na praia, Jesus disse-lhes: “Venham, comam”. Ele os conduziu através da colina, de onde não se via o mar e onde havia uma cabana com lareira preparada. Para a mesa, mas foi até a frigideira e trouxe um pedaço de peixe para cada um, que colocou sobre o pão. Vi que ele abençoou as porções, que estavam brilhando. Os bolos de mel foram preparados e empilhados uns sobre os outros. Ele distribuiu e, quando terminou, sentou-se também à mesa. Havia apenas um peixe, mas era maior do que os que haviam pescado. Nesta refeição há um mistério. Patriarcas e outras almas do povo falecido e a sua parte na preparação da refeição, e depois a missão de Pedro: tudo isto deu-me a persuasão que Pedro recebeu, nesta refeição, e na sua preparação, de forma espiritual, o poder e a autoridade sobre a Igreja purgativa, que depois foi incorporada à militante, submetendo-se a ela e ao poder de Pedro. Não posso declarar de que maneira: mas tive uma visão naquele momento desta sujeição: e portanto Jesus falou profetizando a morte de Pedro e o futuro destino de João. Jesus caminhou com as almas dos sacerdotes pela região onde havia lançado os demônios nos porcos e libertou outras almas detidas naqueles lugares escuros e cheios de trevas. Sempre houveram pessoas possuídas por demônios ali em grande número: muitas pessoas inocentes que estavam lá então foram mortas pelo decreto da justiça de Deus.

## **Jesus com as almas dos sacerdotes no Paraíso Terrestre**

Jesus foi com as almas ao Paraíso terrestre, que desta vez vi mais belo e esplêndido do que nunca. Eu vi isso com mais clareza do que outras vezes. Mostrou-lhes tudo o que os nossos pais perderam com a primeira culpa e a alegria desta queda através da Redenção que Jesus lhes ofereceu. Vi como essas almas desejaram a redenção e a esperaram, sem saber como ela se realizaria: em geral, isso permaneceu oculto aos homens na terra. Jesus foi com essas almas e ensinou-lhes tudo isso de acordo com o que elas podiam entender, assim como fez nesta terra com os apóstolos e discípulos.

Entendi novamente, através das palavras de Jesus, que o homem foi criado para preencher os vazios deixados pelos anjos caídos, para preencher os coros dos espíritos rebeldes no céu. Sem a culpa de origem, a humanidade teria se espalhado apenas até completar o número dos anjos caídos: então a humanidade teria tido o seu fim. Com a culpa foi introduzida uma propagação humana dispersa, corrupta por vontade própria, e misturada com a impureza, com as trevas e a desordem da concupiscência.

Portanto, a morte é uma consequência e um castigo, e também um bem para o homem.

Quanto ao que é dito sobre o fim do mundo, é verdade que não terminará até que todo o trigo seja colhido do joio. Com esse trigo escolhido serão preenchidos os vazios dos anjos caídos.

Também vi Jesus com as almas em muitos lugares onde houve batalhas, declarando-lhes tudo o que conduzia à salvação e à redenção. Enquanto Jesus lhes contava essas coisas, eu via aquelas batalhas e tudo o que acontecia ali, como se estivesse acontecendo naquele momento. Acho que as almas também viram tudo isso como eu vi.

Em toda essa jornada com as almas não as vi aparecer para ninguém nem assustar ninguém com sua presença. Era uma caminhada ou flutuação sobre os lugares de forma espiritual, animando toda a natureza no processo. Jesus também foi com os sacerdotes aos lugares onde os apóstolos deveriam pregar o Evangelho e com a sua presença abençoou esses lugares. Foi assim que viajou por toda a natureza.

## **Pedro e os apóstolos após a pesca milagrosa**

Quando Pedro, com os três apóstolos e os três discípulos, chegaram por volta do meio-dia à casa de Aminadabe, o pescador que havia recebido o pescado de Pedro durante dois anos, eles comeram. Pedro contou o milagre da pesca e do aparecimento de Jesus; Ele conversou com Ele sobre comida e exortou os ouvintes a deixarem tudo e seguirem Jesus. O velho pescador, ouvindo estas coisas e vendo o barco cheio de peixes, e ouvindo a história das maravilhas contadas pelos seus dois filhos que estiveram presentes, também ele resolveu deixar tudo e seguir os apóstolos. Os peixes foram distribuídos aos pobres do local. O velho pescador deixou a pescaria para outro homem e com seus dois filhos, Isaque e Josafá, continuou na mesma noite seguindo os apóstolos. Eu o vi caminhando em direção ao oeste do lago e entrando no país. As intenções do velho pescador não eram inteiramente puras: ele pensava que, deixando para trás os seus poucos rendimentos, poderia mais tarde tornar-se algo mais. Na manhã seguinte, os apóstolos chegaram a uma sinagoga bastante imponente, no meio de duas cidades. Ficava isolada na região e possuía prédios de abrigo ao seu redor. Encontraram ali reunidos muitos discípulos, aos quais narraram o milagre da pesca, o jantar com Jesus e as palavras e ações daquela aparição.

Pedro ensinou naquela escola sobre a pesca milagrosa e o seguir a Jesus. Muitas pessoas se reuniram, inclusive os doentes e os endemoninhados. Somente Pedro curava em nome de Jesus: os outros apóstolos ajudavam os enfermos ou ensinavam a doutrina.

Todos eram pessoas boas e ansiosas por ouvir a doutrina de Jesus. Pedro falou dos sofrimentos de Jesus, da sua paixão, morte e ressurreição. Ele disse-lhes que o tinham visto em diversas aparições e exortou-os a seguir Jesus. Os ouvintes ficaram muito emocionados. Pedro já não parecia o mesmo de antes; Desde as suas últimas aparições ele parecia muito diferente: estava cheio de entusiasmo, zelo, mansidão e bondade. Ele comovia de tal forma o coração daqueles homens que todos queriam deixar tudo e seguir os apóstolos. Ele teve que dizer a muitos para não fazerem isso e voltarem para suas casas.

## **Jesus aparece aos quinhentos**

Desse último lugar, que ficava algumas horas ao sul de Tiberíades, Pedro foi com os outros apóstolos, os discípulos e muitas pessoas para o oeste, para uma região elevada que tinha ao norte um vale extraordinariamente fértil. Mesmo no auge do inverno, ele estava coberto por uma bela e alta grama, pois havia um riacho correndo por ele; mas no tempo quente ficava ressecado. Às vezes, todo o vale era inundado pelas chuvas que desciam pelas montanhas em riachos. No alto deste planalto chegava-se a uma colina, em torno da qual haviam casas com jardins atrás delas, estendendo-se pelas laterais. A colina não era muito mais alta que as próprias casas. Cinco caminhos plantados com sebes e árvores subiam a colina, cujo cume proporcionava amplo espaço para cerca de cem pessoas caminharem livremente. Dele a vista se estendia por todo o país e pelo mar da Galiléia. Era uma perspectiva

muito bonita. Não muito longe surgia o monte da multiplicação dos pães, e foi naquela região que Jesus proferiu o Seu Sermão da Montanha. O poço de Cafarnaum ficava na base deste planalto elevado. Estavam ali o resto dos Apóstolos, muitos dos discípulos e todas as santas mulheres, além da Mãe de Deus e Verônica. A esposa e a filha de Pedro, as esposas de André e Mateus, desceram de Betsaida, junto com muitos outros. Os apóstolos e discípulos sabiam que todos se reuniriam ali. Eles se espalharam, alguns embaixo de galpões, outros ao ar livre. Pedro relatou aos apóstolos e às mulheres a pesca milagrosa e depois subiu com eles a montanha, sobre a qual o povo já havia sido instruídos por alguns dos discípulos.

Havia sobre ela um lugar oco em cujo centro havia uma coluna de professor coberta de musgo. Alguém poderia subir nele como se fosse um púlpito. A cavidade onde ficava o pilar era mobiliada com degraus em fileiras, para que o numeroso público pudesse ver uns sobre os outros. Pedro colocou cinco apóstolos nos cinco caminhos que subiam ao monte, e eles ensinavam o povo, porque nem todos podiam ouvi-lo, por causa da multidão. Ele mesmo ficou na coluna central, os Apóstolos, os discípulos e muitas pessoas ao seu redor, e publicou a Paixão, a Ressurreição, as aparições do Senhor e a obrigação de segui-Lo.

E agora vi Jesus aproximando-se pelo mesmo caminho por onde Pedro tinha vindo. Ele subiu a montanha. As santas mulheres, que estavam em um dos caminhos, prostraram-se diante dele, e Ele lhes falou ao passar. Quando, resplandecente de luz, Ele entrou no meio da multidão, muitos estremeceram e ficaram alarmados. Estes não permaneceram fiéis. Então Jesus foi até a coluna onde Pedro estava. Pedro renunciou ao seu lugar e assumiu posição em frente a Jesus, que agora se dirigia à multidão. Ele falou sobre abandonar os parentes, sobre segui-lo e sobre a perseguição que eles teriam que suportar. Cerca de duzentos dos Seus ouvintes retiraram-se quando O ouviram falar de tais coisas. Todos estes se foram, disse Jesus. Ele havia falado com eles com brandura para não escandalizar os fracos. Ele proferiu algumas palavras muito graves sobre os sofrimentos e perseguições daqueles que O seguiriam na terra, e aludiu à sua recompensa eterna. Ele dirigiu essas observações aos apóstolos e discípulos, como havia feito antes em Sua última instrução no Templo. Ele lhes disse que deveriam primeiro permanecer em Jerusalém. Quando Ele deveria ter-lhes enviado o Espírito, eles deveriam batizar em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e deveriam imediatamente estabelecer uma Comunidade. Então Ele lhes disse como deveriam se dispersar, formar comunidades distantes, reunir-se novamente, separar-se novamente para países distantes e receber finalmente o Batismo de sangue.

Enquanto Jesus falava, os espíritos dos antigos Patriarcas cercaram toda a assembleia, embora de forma invisível. Jesus desapareceu. Seu desaparecimento foi como uma luz que se apagou repentinamente no meio deles. Muitos caíram prostrados de cara no chão. Pedro novamente ensinou e orou. Esta foi a principal aparição de Jesus na Galiléia, onde Ele ensinou e deu prova de toda a Sua Ressurreição. As outras aparições foram mais secretas.

Pedro, Tadeu, André e Tiago, o Menor, vi depois disso em outro lugar, onde curaram muitos enfermos que ultimamente na região de Sichar não conseguiram curar. A culpa deles foi que, desejando imitar a grande dignidade e reserva de Jesus no seu comportamento, fizeram algo extraordinário, assumiram um ar de importância. Eles não deram humildemente o que receberam, mas deram como vindo de si mesmos, portanto o sucesso não era deles. Mas agora eu os vi (e a visão me tocou muito) humilhando-se, ajoelhando-se ao lado dos enfermos e implorando perdão por não ter ajudado-os. Os doentes foram todos curados. Havia pessoas até de Cedar entre eles. Os curados foram com os Apóstolos para Betânia no sábado.

## **Ágape em Betânia e na Casa da Última Ceia - A destruição dos lugares sagrados pelos judeus**

Vi os Apóstolos em Betânia, para onde foram seguidos por cerca de trezentos fiéis, entre eles cinquenta mulheres. Tinham entregue os seus bens à Comunidade. A Virgem Santíssima também veio de Jerusalém para Betânia e parou na casa de Marta e Madalena. Houve uma grande festa de amor, de partilhar o pão e distribuir a taça, realizada no salão aberto da corte de Lázaro.

Posteriormente, Pedro deu uma instrução diante de uma grande multidão. Havia alguns espiões entre os ouvintes. Quando Pedro anunciou que eles deveriam deixar tudo e ingressar na Comunidade, e que ele lhes daria o que precisavam, os espiões riram com escárnio. Ele próprio não tinha nada, diziam. Ele era apenas um pobre pescador, um vagabundo, que mal conseguia sustentar a esposa em casa. Pedro ainda continuou a ensinar, mais por ordem de Jesus do que por qualquer sentimento interior e vivificante que os apóstolos recebiam apenas com o Espírito Santo. Ele agora falava nas assembléias, exceto quando a multidão era muito grande, pois então ele ordenava que alguns dos outros ensinassem sobre vários assuntos. Desde que recebeu o manto de Jesus e a refeição de peixe (que na verdade não era um peixe natural), na qual recebeu um poder especial, ele se tornou um ser completamente diferente. Todos o reconheceram como a cabeça, a boca, a mão da Comunidade. Na predição de Jesus à beira-mar a respeito da morte de Pedro e do futuro de João, ao comando: "Alimente meus cordeiros!" Senti que Pedro, em seus sucessores, deveria sempre prover a orientação e alimentação dos rebanhos, enquanto João deveria permanecer sempre na fonte da água que deveria refrescar e irrigar o prado e vivificar as ovelhas. Pareceu-me que a influência de Pedro pertencia mais ao tempo, mais à condição exterior, e por isso foi dividida entre os seus sucessores; mas a de João era mais interior, consistia mais na inspiração, no envio ao exterior de mensageiros inspirados. Pedro era mais parecido com a rocha, o edifício; João era mais como um vento, uma nuvem, uma tempestade, um filho do trovão, um emissor de voz. Pedro era mais parecido com a moldura, as cordas e o tom de uma harpa; João era o suspiro da brisa através de suas cordas, não consigo expressar em palavras mais significativas o que percebi interiormente.

Cerca de cinquenta soldados, os mesmos que prenderam o Senhor no Monte das Oliveiras, vieram de Jerusalém para Betânia. Eles eram guardas pertencentes ao Templo e aos sumos sacerdotes. Alguns deputados também do Sinédrio compareceram à Casa do Conselho em Betânia e convocaram os Apóstolos diante deles. Pedro, João e Tomé apresentaram-se e responderam corajosa e abertamente à acusação de que convocavam assembleias e causavam perturbação entre o povo. Os soldados foram colocados na casa de Lázaro. Os deputados de Jerusalém interrogaram publicamente os Apóstolos perante a Câmara do Conselho. Os magistrados de Betânia opuseram-se a eles, dizendo que, se soubessem de alguma coisa contra aqueles homens, deveriam prendê-los, mas não deveriam perturbar a paz do local com a presença de soldados. Pedro, para não ofender, dispensou cento e vinte e três dos fiéis reunidos. Os mais distantes foram orientados a permanecer nas moradias do bairro, pois já tinham tudo em comum. As cinquenta mulheres também se retiraram e viveram juntas em residências separadas. Pedro deu ordens para que todos retornassem a Betânia antes do dia da Ascensão de Cristo.

Os Apóstolos, ao saírem de Betânia, dirigiram-se à casa da Última Ceia, perto de Jerusalém, onde rezaram sob a lâmpada diante do Santo dos Santos. Havia cerca de sete discípulos com eles. Já não conseguiam chegar à casa da Última Ceia pela cidade, pois a estrada daquele lado havia sido parcialmente destruída pelos judeus.

Eles tiveram que ir para a esquerda do Templo e seguir pela estrada percorrida por Pedro e João na Quinta-feira Santa. Havia inúmeras pousadas para acomodação de estrangeiros nesta estrada, e as pessoas que viviam por ali não eram de origem puramente judaica. Os judeus expulsaram da sua sociedade e dos cargos públicos todos os que se declaravam partidários de Jesus e que confraternizavam com os discípulos. Os lugares onde Jesus caíra durante Sua dolorosa jornada para o Calvário, ou onde algo digno de nota acontecera, foram abertos com valas. Os caminhos que conduziam às áreas principalmente habitadas ou frequentadas pelos seguidores de Jesus foram murados. Pareceu-me muito estranho ver uma pessoa presa numa rua como se estivesse num beco sem saída, e ter que se virar e sair novamente. Às vezes, os amigos de Jesus abriam novamente os caminhos do Calvário à noite. Todos os lugares ao redor de Jerusalém especialmente consagrados pela presença ou pelos sofrimentos de Jesus, e por esse motivo mantidos em especial veneração por Seus seguidores, foram maliciosamente devastados pelos judeus. Os locais sagrados onde Jesus havia ensinado e permanecido foram tornados intransitáveis e cercados por sebes. Em alguns lugares, eles até cavaram armadilhas nas quais o peregrino piedoso poderia cair, mas vi alguns daqueles judeus cruéis mergulhando eles próprios nelas. O Monte Calvário tornou-se inacessível por sebes e vigas. O seu cume foi escavado e a terra espalhada como estrume pelos caminhos, também pelos cinco canteiros relvados em forma de coração que formavam os caminhos que conduziam ao local da crucificação. Quando retiraram o monte que circundava o local da crucificação, restou uma pedra branca. Nele havia um buraco de quatro cantos com cerca de um metro de profundidade, no qual a cruz havia sido plantada. Vi os trabalhadores trabalhando com pés-de-cabra, tentando levantar aquela pedra, mas quanto mais tentavam, mais ela afundava, então finalmente a enterraram sob algum lixo. Somente o Santo Sepulcro permaneceu intacto, pois era propriedade de Nicodemos. A cabeça de Cristo, enquanto estava no túmulo, estava voltada para o leste. Se uma pessoa, ao sair da caverna, desse a volta em direção ao sul, teria o sol diretamente acima dela e o oeste à sua direita.

Fui instruída interiormente que todos os demolidores de representações da Santa Via Sacra, de Crucifixos, de capelas ou igrejas, de devoções antigas, de exercícios e práticas sagradas e, em geral, de todos os objetos que nos colocavam em relação mais estreita com a história da Redenção, seja na construção, imagem e escrita, ou por costume, festa e oração, será julgada com os inimigos dos passos sangrentos de Jesus e como pertencente a eles.

## **A Majestade e Dignidade da Virgem Santíssima**

Na noite do dia seguinte, vi os Apóstolos e vinte discípulos no salão orando sob a lâmpada. Estavam presentes a Virgem Santíssima, todas as santas mulheres, Lázaro, Nicodemos, José de Arimatéia e Obede. Terminada a oração, João dirigiu-se aos Apóstolos e Pedro aos discípulos. Falaram com palavras cheias de mistério as suas relações com a Mãe do Senhor e o que Ela deveria ser para eles. Durante esta instrução dos dois Apóstolos, que eles se basearam numa comunicação recebida de Jesus, vi a Virgem Santíssima pairando sobre a assembleia num manto brilhante e aberto, cujas dobras os abraçavam a todos, e sobre a sua cabeça descia uma coroa da Santíssima Trindade através dos céus abertos acima dela. Já não a via ajoelhada fora do salão em oração, e tive a convicção de que Maria era a legítima cabeça de todos eles, o templo que os encerrava a todos. Penso que esta visão foi um símbolo do que Deus planejou que acontecesse para a Igreja neste momento, através da exposição dos Apóstolos sobre a dignidade de Maria.

Por volta das nove horas, vi uma refeição servida no salão externo. Os convidados usaram vestes festivas e Maria, sua veste nupcial. Quando orava, porém, ela usava manto e véu brancos. Ela sentou-se entre Pedro e João à mesa dos Apóstolos, que estavam sentados, de costas para o pátio, com a porta do salão à vista. As outras mulheres e discípulos estavam sentados à direita e à esquerda em mesas separadas. Nicodemos e José serviam. Pedro repartiu o cordeiro, assim como Jesus fez com o cordeiro pascal. No final da refeição, partiu-se o pão e distribuiu-se pão e vinho abençoados (não consagrados).

Depois disso vi a Virgem Santíssima com os Apóstolos na Sala de Ceia. Ela estava entre Pedro e João, sob a lâmpada. O Santo dos Santos estava aberto e eles oravam de joelhos diante dele.

Ao soar a meia-noite, a Virgem Santíssima, ajoelhada, recebeu de Pedro o Santíssimo Sacramento. Carregou o Pão consagrado e partido por Jesus no pratinho que pertencia ao cálice. Naquele instante vi Jesus aparecer para ela, embora não visível para os outros. Maria foi penetrada de luz e esplendor. Ela ainda estava em oração. Vi que os santos Apóstolos eram muito reverentes em suas maneiras para com ela. Maria dirigiu-se em seguida à pequena habitação à direita da entrada do pátio do Cenáculo, onde agora tinha o seu apartamento. Ali, ela recitou o Magnificat, o Cântico dos três jovens na fornalha ardente e o Salmo 130. O dia estava começando a amanhecer quando vi Jesus entrando pelas portas fechadas. Ele falou muito com ela, dizendo-lhe que ela deveria ajudar os apóstolos e explicando o que ela deveria ser para eles. Ele deu-lhe poder sobre toda a Igreja, dotou-a de Sua força, de Sua influência protetora, e foi como se Sua luz fluísse sobre ela, como se Ele a penetrasse por completo. Eu não posso expressar isso. Um caminho coberto de esteiras através do pátio até a casa da Última Ceia foi feito para a Virgem Santíssima, para que ela pudesse ir do seu quartinho ao Santo dos Santos e ao coro dos Apóstolos e discípulos. João também residia na pequena habitação. Quando Jesus apareceu a Maria na sua cela, vi a sua cabeça rodeada por uma coroa de estrelas, como tinha acontecido na sua Comunhão. Foi-me revelado também que, sempre que a Virgem Santíssima se comunicava, a forma do Pão permanecia nela inalterada de uma Comunhão para outra, de modo que ela sempre adorava em seu seio a Presença Sacramental do Deus-Homem. Durante um período de perseguição, após o apedrejamento de Santo Estêvão, os Apóstolos abstiveram-se por algum tempo de consagrar. Mas mesmo então a Igreja não ficou sem o Santíssimo Sacramento, pois foi preservado no tabernáculo vivo do santíssimo coração de Maria. Apreendi também ao mesmo tempo que esta era uma graça inteiramente especial e que só poderia ser concedida à Virgem Santíssima.

## Aumento da Comunidade

O número de Fiéis continuou a aumentar. Muitos vieram juntar-se a eles, especialmente do Mar da Galileia, com burros carregados de bagagem. Isso manteve alguns ocupados em conseguir alojamento para eles. Eles geralmente paravam primeiro na pousada dos discípulos fora de Betânia, onde os discípulos moravam, por sua vez, para receber os estranhos e dar-lhes conselhos e orientações. Os recém-chegados foram enviados por eles a Lázaro, que possuía muitas casas e moradias. Muitos deles moravam também em Jerusalém, no bairro do Monte Sião. Apenas alguns judeus pobres estavam espalhados por ali. Havia numerosos muros antigos de extraordinária espessura e terrenos baldios onde vi burros pastavam. Estranhos que vinham para a festa armaram suas tendas neste bairro. Além da casa da Última Ceia, havia outra no Monte Sião, um edifício antigo

muito grande e dilapidado (a Cidadela de Davi), e vários fiéis encontraram abrigo nos seus arredores. Eles moravam em cabanas ou em alojamentos adjacentes a elas. Vi que as pessoas moravam embaixo das paredes maciças, enquanto no topo estavam erguidas tendas de tapeçaria grosseira.

Os caldeus de Sickdor, que Jesus havia encaminhado ao centurião de Cafarnaum, e que de lá haviam retornado para suas casas, agora voltavam em grande número com seus animais de carga e bagagem. Suas feras e matilhas estavam no pátio interno do grande e dilapidado edifício. Os judeus não os molestaram; apenas a estrada para o Monte do Templo e para o bairro da cidade que lhe pertencia estava totalmente murada na encosta do Monte Sião, perto do tanque de Betsaida, onde os cristãos paravam. A Comunidade ficou assim completamente separada, isolada dos judeus.

Vi os recém-chegados renunciando, para o bem da Comunidade, a quantidades de materiais de lã fina e grossa, branca e amarelada, tapetes, lonas para tendas, tudo em grandes rolos. Nicodemos e José administraram tudo. De algumas eram confeccionadas vestimentas para o serviço religioso e para o batismo, e algumas eram doadas aos necessitados, e todos eram cuidados.

Havia, no tanque de Betsaida, uma antiga sinagoga anteriormente usada apenas por estranhos que vinham para a festa. Ficava em alguma elevação acima da piscina. Os apóstolos agora se apropriaram dela para seu próprio uso. Nela os recém-chegados se reuniam para serem instruídos por alguns dos Apóstolos. Mas todos estes estrangeiros não eram imediatamente admitidos na Comunidade, muito menos na casa da Última Ceia. Não vi nem os Apóstolos, nem os discípulos, nem estes recém-chegados frequentando novamente o Templo. É verdade que os apóstolos, tendo recebido o Espírito Santo, foram para lá depois de Pentecostes, mas foi apenas para que pudessem pregar à multidão reunida. O Templo deles era a casa da Última Ceia que abrigava o Santíssimo Sacramento. A Mãe de todos era a Virgem Santíssima. Os Apóstolos consultaram-na e ela foi para eles como uma Apóstola.

A esposa e a filha de Pedro, a esposa de Marcos e outras mulheres tinham agora vindo de Betsaida para Betânia, onde moravam em tendas. Elas não tinham qualquer comunicação com os homens. Elas iam à presença dos apóstolos apenas para instrução, e se empenhavam em tecer e torcer longas tiras de tecido e coberturas grosseiras para tendas, muitos delas trabalhando ao mesmo tempo em uma só peça. A Virgem Santíssima também, junto com Marta e Madalena, trabalhava no bordado, ora reclinada, ora caminhando, com o trabalho nas mãos. Vi a Virgem Santíssima bordando em cores delicadas figuras algo como um Apóstolo, ou o próprio Senhor, sobre fundo amarelo, marrom ou azul-celeste. As figuras não estavam tão envoltas em mantos como antigamente. Certa vez bordaram uma representação da Santíssima Trindade. Foi como se Deus Pai entregasse a cruz ao Filho, que parecia um Sumo Sacerdote. De ambos procedia o Espírito Santo, embora não na forma de pomba, pois em vez de asas havia braços. As figuras estavam dispostas mais de forma triangular do que uma abaixo da outra. Vi nas primeiras igrejas daquela época vestimentas bordadas por Maria.

Os próprios Apóstolos ajudaram na preparação das habitações dos recém-chegados. Eles carregavam madeira, esteiras e divisórias de vime e trabalhavam duro. Os pobres recebiam roupas e até mesmo a comida era preparada para eles, pois Lázaro havia contribuído para a fundação de um fundo geral.

As santas mulheres, entre as quais estava a esposa de Zaqueu, ocupavam-se em ajudar as mulheres recém-chegadas. Ninguém tinha nada próprio. Aquele que traziam algo consigo doavam, e aquele que não tinha nada recebia algo. A casa de Simão, o Leproso, estava lotada de discípulos. O próprio Simão já não morava nela,

pois a havia renunciado à Comunidade, e agora vivia entre os irmãos. No telhado plano da casa formava-se, por meio de divisórias móveis de vime, uma espécie de salão onde fôra colocada uma cadeira de orador. O acesso era externo por degraus na parede. Construíram por toda parte, montaram barracas e galpões, aproveitaram cada canto de muros e prédios antigos. Havia também muitas moradias vazias ali e em Jerusalém, pois muitos judeus partiram após a crucificação.

Os recém-convertidos e batizados tornaram-se tão numerosos depois de Pentecostes que os apóstolos tiveram que negociar com os magistrados judeus a obtenção de moradias adequadas para os recém-chegados. Eles enviaram Nicodemos, José de Arimateia, Natanael e outros bem conhecidos entre os judeus, aos magistrados que estavam reunidos, cerca de vinte no total, num salão acima do portão do alpendre das mulheres. Foram destinados aos convertidos três locais fora da cidade e distantes dos percursos habituais: um a oeste de Betânia, entre esta e Betfagé, onde já estavam erguidas algumas cabanas e barracões; e outros dois ao sul de Betânia, distantes também das estradas. Em troca disso, os discípulos deveriam desocupar a hospedagem na estrada fora de Betânia, nem deveriam viver permanentemente ou alojar-se na hospedagem além de Jerusalém e na estrada para Belém, onde Maria havia parado antes de sua Purificação no Templo. Vi os magistrados indicando do Templo as regiões nomeadas, os deputados levando a notícia para a Comunidade, alguns grupos de Fiéis indo para lá, e Pedro e João apontando-lhes locais para construção. Suprimentos de toda espécie eram transportados em jumentos, e água em grandes odres de couro, até o lugar entre Betânia e Betfagé, onde não havia água. Mas quando os cristãos começaram a cavar um poço, a água jorrou imediatamente. Vi Simão de Betânia, que tinha sua própria casa e entendia de economia doméstica, sob um toldo perto do tanque de Betsaida, e ele parecia estar anotando num rolo de pergaminho os bens e móveis do povo, que haviam trazido consigo ovelhas, cabras, pombas e grandes pássaros com bicos e pernas vermelhas. Todos foram distribuídos aos necessitados, além de capas e peças de lã para roupas. Uma ordem admirável foi observada nesta distribuição. As mulheres recebiam a sua porção pelas mãos das mulheres; os homens, dos homens. Havia pessoas das regiões mais dispersas, que não entendiam a língua umas das outras, mas que com o maior amor entregavam os seus bens para distribuição. Somente os apóstolos entendiam tudo.

Madalena e Marta cederam suas casas em Betânia aos novos convertidos, e Lázaro entregou tudo o que possuía à Comunidade. Nicodemos e José de Arimateia fizeram o mesmo. Assumiram a responsabilidade de sustentar a Comunidade e distribuir as esmolas. Mas quando foram ordenados sacerdotes, Pedro nomeou diáconos em seu lugar.

## Os dias imediatamente anteriores à ascensão

Jesus comunicou-se com os apóstolos com bastante naturalidade naqueles últimos dias. Ele comeu e orou com eles, caminhou com eles em muitas direções e repetiu tudo o que lhes havia dito antes. Ele apareceu também a Simão de Cirene enquanto trabalhava num jardim entre Betfagé e Jerusalém. Jesus, resplandecente de luz, aproximou-se dele como se flutuasse no ar. Simão caiu de joelhos e beijou o chão aos pés de Jesus, que lhe fez sinal com a mão para que guardasse silêncio e depois desapareceu. Alguns outros que trabalhavam nas proximidades também viram Jesus e também caíram de joelhos como Simão. Quando Jesus caminhava com os apóstolos por Jerusalém, alguns judeus perceberam a aparição e ficaram aterrorizados. Eles correram para se esconder ou para se fecharem em suas casas.

Até os Apóstolos e os discípulos O acompanhavam com uma certa timidez, porque havia Nele algo demasiado espiritual para eles. Jesus apareceu também em outros lugares, Belém e Nazaré, por exemplo, especialmente àqueles com quem Ele e Sua Mãe Santíssima haviam contactado anteriormente. Ele espalhou bênçãos por toda parte, e aqueles que O viram acreditaram e se juntaram aos Apóstolos e discípulos. No último dia antes da Ascensão, vi Jesus com cinco dos Apóstolos aproximando-se de Betânia pelo leste, para onde também a Virgem Santíssima, com outras mulheres santas, vinha de Jerusalém. Muitos dos fiéis estavam reunidos em torno de Lázaro. Eles sabiam que Jesus iria deixá-los em breve e queriam vê-lo mais uma vez e despedir-se dele. Quando Jesus entrou na casa, essas pessoas foram admitidas no espaçoso pátio e os portões foram fechados. Jesus levou com os apóstolos e discípulos alguns refrescos em pé, e aos últimos, que choravam amargamente, disse: “Por que chorais, queridos irmãos? Eis esta Mulher! Ela não está chorando! e apontou para Sua Santíssima Mãe, que estava com as santas mulheres na entrada do salão. Uma longa mesa foi posta no pátio para os numerosos estranhos. Jesus foi até eles, abençoou os rolinhos e os distribuiu, após o que lhes deu um sinal para se retirarem. E agora Sua Santíssima Mãe aproximou-se humildemente, para lhe apresentar uma petição. Mas Jesus, detendo-a com um gesto da mão, disse-lhe que não poderia conceder isso. Mary agradeceu humildemente e retirou-se. Jesus despediu-se de Lázaro de forma singularmente comovente. Ele deu-lhe um pedaço brilhante, abençoou-o e estendeu-lhe a mão. Lázaro, que geralmente permanecia escondido na sua própria casa, não acompanhou Jesus quando Ele partiu para Jerusalém com os Apóstolos e os discípulos. Eles seguiram a rota do Domingo de Ramos, embora com muitas curvas laterais. Eles foram em quatro companhias, permitindo uma distância considerável para intervir entre eles. Os Onze seguiram com Jesus; as santas mulheres seguiram por último. Vi Jesus brilhando com luz, uma figura notável no meio deles. As marcas de Suas feridas nem sempre eram visíveis para mim, mas quando as vi, eram brilhantes como o sol. Todos estavam ansiosos e muito contritos. Alguns estavam chorando; outros conversavam entre si, dizendo: “Ele já desapareceu muitas vezes de nós”, pois não queriam pensar que Ele realmente os deixaria. Só Pedro e João pareciam mais calmos, como se entendessem melhor o Senhor, pois Jesus muitas vezes lhes falava interiormente e lhes explicava muitas coisas. Muitas vezes Ele desaparecia e depois reaparecia repentinamente no meio deles, como se desejasse prepará-los para Sua partida final.

O caminho passava por pequenos jardins encantadores onde os judeus se ocupavam em tecer e podar as sebes, onde cresciam lindos arbustos cobertos de flores em forma de pirâmides. Os trabalhadores muitas vezes cobriam o rosto com as mãos, caíam no chão ou fugiam entre os arbustos, não sei se por medo e terror ou por profunda emoção. Não sei se eles viram o Senhor ou se não puderam vê-lo. Uma vez ouvi Jesus dizer aos discípulos: “Depois que todos estes lugares tiverem sido convertidos à Fé pela vossa pregação, e depois de outros terem expulsado os fiéis e devastado todas as coisas - então chegará um momento triste. Ainda não Me compreendeis, mas quando celebrardes Comigo pela última vez a Última Ceia, então Me compreenderéis melhor.”

Nicodemos e José de Arimateia prepararam uma refeição, que foi servida no salão entrada da casa da Última Ceia. O salão abria-se para todos os lados e uma passagem corria da esquerda através do pátio arborizado até a casinha com lareira da cozinha construída perto do muro vizinho. Os caminhos cobertos à direita abriam-se para o pátio, e ali estavam postas as mesas para os discípulos. Elas consistiam apenas em longas tábuas. A mesa para Jesus e os Onze foi preparada no

salão de entrada. Sobre ela haviam pequenas canecas e um grande prato ornamentado com delicadas folhagens, onde havia um peixe e alguns rolinhos. Na mesa dos discípulos haviam frutas e pratos de três cantos contendo favos de mel. Facas de ossos chatos foram colocadas ao redor. Perto de cada prato havia três fatias de pão, pois havia um prato para cada três convidados.

O sol havia se posto e começava a escurecer quando Jesus se aproximou dos apóstolos. A Virgem Santíssima, Nicodemos e José de Arimatéia receberam-no à porta. Ele acompanhou Sua Santíssima Mãe até sua pequena morada, enquanto os Apóstolos seguiram para o salão de entrada. Quando os discípulos e as santas mulheres chegaram um pouco mais tarde, Jesus juntou-se aos Onze no salão. A mesa, da qual ocupavam apenas um lado comprido, era mais alta do que as de uso geral. Os apóstolos reclinaram-se em cruzetas, mas Jesus ficou de pé. Ao seu lado estava João, que estava mais alegre que os outros. Ele tinha a disposição de uma criança, agora rapidamente perturbado e novamente cheio de consolo e alegria. A lâmpada sobre a mesa estava acesa. Nicodemos e José serviram. Vi a Virgem Santíssima parada na entrada da Sala de Ceia. Jesus abençoou os peixes, o pão e as ervas, e os distribuiu com palavras de instrução sincera. Vi as Suas palavras como raios de luz saindo da Sua boca e entrando na dos Apóstolos, em alguns rapidamente, em outros lentamente, de acordo com seu maior ou menor desejo, sua maior ou menor fome pelo ensinamento de Jesus. No final da refeição, Jesus abençoou o copo, bebeu dele e depois o distribuiu. Isto, no entanto, não foi uma consagração.

A festa do amor acabou, todos reunidos do lado de fora do salão, sob as árvores. Jesus dirigiu-lhes uma longa instrução e terminou dando-lhes a sua bênção. À Sua Mãe Santíssima, que estava diante das santas mulheres, Ele estendeu a mão. Todos ficaram muito afetados e senti que Madalena desejava ardentemente abraçar os pés de Jesus. Mas ela conteve seu desejo, pois Seu comportamento era tão grave que inspirava santo temor. Quando Ele os deixou, eles choraram muito. Não foi, porém, um choro exterior; era como o choro da alma. Não vi a Virgem Santíssima derramando lágrimas. Nunca a vi chorar de verdade, exceto quando perdeu Jesus, um menino de doze anos, em sua viagem de volta da festa pascal, e novamente quando ela ficou sob a cruz após Sua morte. A assembléia terminou antes da meia-noite.

## A Ascensão de Jesus ao Céu

Na noite anterior à Sua maravilhosa Ascensão, vi Jesus no salão interno da casa da Última Ceia com a Virgem Santíssima e os Onze. Os discípulos e as santas mulheres rezavam nos corredores laterais. Na Sala de Ceia, a Mesa da Comunhão ficava sob a lâmpada acesa, e sobre ela o Pão Pascal e o cálice. Os apóstolos estavam com suas vestes cerimoniais. A Virgem Santíssima estava diante de Jesus que, como na Quinta-feira Santa, consagrava o pão e o vinho.

Vi o Santíssimo Sacramento entrar na boca dos Apóstolos na forma de um corpo luminoso, e as palavras de Jesus na consagração do vinho fluindo para o cálice como um jato de luz vermelha.

Durante os últimos dias, Madalena, Marta e Maria Cléofas receberam o Santíssimo Sacramento.

Pela manhã, as Matinas foram recitadas solenemente como de costume sob a lâmpada, Jesus novamente concedeu a Pedro jurisdição sobre os outros, colocou novamente sobre ele o manto de que falei e repetiu o que havia dito na montanha perto do Mar de Tiberíades. Deu algumas instruções também sobre o Batismo e a

bênção da água. Durante as matinas e as instruções, vi dezessete dos discípulos mais confidenciais parados no salão atrás da Virgem Santíssima.

Antes de sair de casa, Jesus apresentou a Virgem Santíssima aos Apóstolos e discípulos como sua Mãe, sua Medianeira e sua Advogada, e ela concedeu a Pedro e a todos os demais sua bênção, que eles receberam curvando-se muito. Naquele instante, vi Maria elevada a um trono, rodeada por um manto azul-celeste e uma coroa na cabeça. Isto simbolizava a sua dignidade como Rainha da Misericórdia.

Na madrugada do dia Jesus saiu da casa da Última Ceia com os Onze. A Virgem Santíssima os seguiu de perto; os discípulos, a uma pequena distância. Passaram pelas ruas de Jerusalém onde tudo estava tranquilo, os habitantes ainda enterrados no sono. A cada momento o Senhor tornava-se mais zeloso, mais rápido em palavras e ações. Na noite anterior, Ele me pareceu muito mais simpático em Suas palavras aos Seus seguidores. Reconheci o percurso que fizeram como o da procissão do Domingo de Ramos. Vi que Jesus os acompanhou por todos os caminhos por Ele trilhou durante a Sua Paixão, para inspirá-los com os Seus ensinamentos e admoestações com uma viva apreciação do cumprimento da Promessa. Em cada lugar onde alguma cena de Sua Paixão foi encenada, Ele parou por um momento para instruí-los sobre o cumprimento das palavras dos Profetas, sobre as Promessas, e para explicar a relação simbólica do local com as mesmas. Nos locais que os judeus devastaram, sobre os quais atiraram montes de pedras, através dos quais abriram valas, ou que tornaram intransitáveis de outras maneiras para evitar que fossem venerados, Jesus ordenou aos discípulos que o seguissem. seguir em frente e eliminar todas as obstruções, o que eles fizeram rapidamente. Então, curvando-se quando Ele passou, eles permitiram que Ele assumisse a liderança novamente enquanto eles o seguiam. Pouco antes do portão que dava para o Monte Calvário, eles desviaram da estrada e chegaram a um local encantador, à sombra de árvores. Era um dos vários locais de oração existentes em torno de Jerusalém. Jesus fez uma pausa para ensinar e confortar o pequeno rebanho. Enquanto isso, o dia amanheceu brilhante; seus corações ficaram mais leves e eles até começaram a pensar que Jesus ainda permaneceria com eles.

Novas multidões de fiéis chegaram, mas não vi nenhuma mulher entre eles. Jesus tomou novamente o caminho que levava ao Monte Calvário e ao Santo Sepulcro. Mas Ele não seguiu até esses pontos; Ele desviou e contornou a cidade até o Monte das Oliveiras. Alguns dos lugares destas estradas consagrados à oração e santificados pelos ensinamentos de Jesus, e que tinham sido devastados ou cercados pelos judeus, foram agora restaurados pelos discípulos. As ferramentas para o seu trabalho encontraram nos jardins no caminho. Lembro-me de pás redondas que pareciam pás de forno. Jesus parou por um momento com a multidão em um local extremamente fresco e adorável, coberto com uma linda grama alta. Fiquei surpreso ao ver que ela não havia sido pisada em lugar nenhum. A multidão que ali rodeava Jesus era tão grande que já não conseguia contá-la. Jesus falou-lhes durante muito tempo, como quem vai encerrar o seu discurso e chegar a uma conclusão. Seus ouvintes adivinharam que a hora da despedida estava próxima, mas não tinham ideia de que o tempo que ainda faltava seria tão curto. O sol já estava alto, já estava bem acima do horizonte. Não sei se o expresse corretamente, pois naquele país parece-me que o sol não era tão alto como aqui. Sempre me pareceu que está mais perto. Não o via como aqui, erguendo-se como um pequeno globo. Ele brilhava lá com muito mais brilho. Seus raios, em geral, não eram tão bons. Muitas vezes pareciam um amplo caminho de luz. Jesus e Seus seguidores permaneceram ali por uma hora inteira. A essa altura, o povo de Jerusalém estava todo alerta, surpreso com a multidão que avistava ao redor do Monte das Oliveiras.

Fora da cidade, também, multidões afluíam em grupos. Eles consistiam em todos os que haviam saído ao encontro de Jesus no Domingo de Ramos. As estradas estreitas logo ficaram lotadas, embora em torno de Jesus e dos Seus o espaço tivesse ficado livre.

O Senhor foi apenas ao Getsêmani e do Jardim das Oliveiras até o cume do monte. Ele não pisou o caminho em que havia sido preso. A multidão seguia como em procissão, subindo pelos diversos caminhos que circundavam o monte. Muitos até passaram pelas cercas e sebes dos jardins. Jesus a cada instante brilhava mais intensamente e Seus movimentos tornavam-se mais rápidos. Os discípulos apressaram-se atrás dele, mas foi impossível alcançá-lo. Quando Ele alcançou o topo da montanha, Ele estava resplandecente como um raio de luz branca do sol. Um círculo brilhante, brilhando em todas as cores do arco-íris, caiu do céu ao redor dele. A multidão pressionada formava um amplo círculo do lado de fora, como se estivesse se misturando a ela. O próprio Jesus brilhou ainda mais intensamente do que a glória que havia sobre Ele. Ele colocou a mão esquerda sobre o peito e, levantando a direita, virou-se lentamente, abençoando o mundo inteiro. A multidão ficou imóvel. Vi todos receberem a bênção. Jesus não a transmitiu com a mão espalmada e aberta, como os rabinos, mas como os bispos cristãos. Com grande alegria senti Sua bênção sobre o mundo inteiro.

E agora os raios de luz do alto uniram-se à glória que emanava de Jesus, e eu O vi desaparecer, dissolvendo-se, por assim dizer, na luz do Céu, desaparecendo como quando Ele ressuscitou. Perdi de vista Sua cabeça primeiro. Parecia que um sol estava perdido em outro, como se uma chama entrasse em outra, como se uma faísca flutuasse em uma chama. Era como se alguém estivesse contemplando todo o esplendor do sol do meio-dia, embora essa luz fosse mais branca e clara. O dia inteiro comparado com isso seria escuro. Primeiro perdi de vista a cabeça de Jesus, depois toda a sua pessoa e, por último, os seus pés, radiantes de luz, desapareceram na glória celestial. Vi inúmeras almas de todos os lados indo para aquela luz e desaparecendo nas alturas com o Senhor. Não posso dizer que O vi tornar-se aparentemente cada vez menor, como algo voando no ar, pois Ele desapareceu, por assim dizer, numa nuvem de luz.

Daquela nuvem, algo parecido com orvalho, como uma chuva de luz, caiu sobre todos abaixo, e quando não puderam mais suportar o esplendor, foram tomados de espanto e terror. Os apóstolos e discípulos, que estavam mais próximos de Jesus, ficaram cegos pelo brilho ofuscante. Eles foram forçados a baixar os olhos, enquanto muitos se prostraram de bruços. A Virgem Santíssima estava logo atrás deles e olhava calmamente para a frente.

Depois de alguns momentos, quando o esplendor começou a diminuir, toda a assembléia em profundo silêncio - suas almas influenciadas por emoções variadas - olhou fixamente para o brilho, que continuou visível por um longo tempo, vi duas figuras aparecerem nesta luz. Eles pareciam pequenos no início, mas pareciam ficar cada vez maiores à medida que desciam. Eles estavam vestidos com longas vestes brancas e cada um segurava um bastão em uma das mãos. Eles pareciam profetas. Eles se dirigiram à multidão, suas vozes como trombetas ressoando alto e claro. Pareceu-me que certamente poderiam ser ouvidos em Jerusalém. Eles não fizeram nenhum movimento, ficaram perfeitamente imóveis e disseram: "Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Este Jesus, que dentre vós foi elevado ao Céu, virá assim como O vistes subir ao Céu." Depois destas palavras as figuras desapareceram. O brilho permaneceu por mais algum tempo e depois desapareceu como a luz do dia se retirando antes da escuridão da noite. Os discípulos estavam completamente fora de si, pois agora compreendiam o que havia acontecido com

eles. O Senhor os deixou e foi para Seu Pai Celestial! Muitos, atordoados pela dor e espanto, caíram no chão. Quando o brilho desapareceu completamente, eles se levantaram novamente e os outros se reuniram ao redor deles. Formaram grupos, a Virgem Santíssima deu um passo à frente, e assim ficaram por mais algum tempo se recuperando, conversando e olhando para cima. Por fim, os Apóstolos e os discípulos voltaram à casa da Última Ceia, e a Virgem Santíssima os seguiu. Alguns choravam como crianças que se recusam a ser consoladas, outros estavam perdidos em pensamentos. A Virgem Santíssima, Pedro e João estavam muito calmos e cheios de consolação. Vi, no entanto, alguns entre os diferentes grupos que permaneceram impassíveis, incrédulos e cheios de dúvidas. Eles se retiraram do resto.

No topo do Monte das Oliveiras, de onde Jesus subiu, havia uma rocha plana. Nela, Ele se dirigiu à multidão antes de abençoá-los e a nuvem de luz O recebeu. Seus passos ficaram impressos na pedra, e em outra a marca de uma das mãos da Virgem Santíssima. Já passava do meio-dia quando a multidão se dispersou completamente.

Os Apóstolos e os discípulos sentiam-se agora sozinhos. A princípio estavam inquietos e como pessoas abandonadas. Mas pela presença reconfortante da Virgem Santíssima foram consolados e, depositando total confiança nas palavras de Jesus de que ela seria para eles uma medianeira, uma mãe e uma advogada, recuperaram a paz de alma.

Um certo medo tomou conta dos judeus em Jerusalém. Vi muitos fechando portas e janelas, outros reunindo-se em grupos. Durante os últimos dias, eles experimentaram alguns sentimentos peculiares de alarme, que hoje foram bastante intensificados.

Nos dias seguintes vi os Apóstolos sempre juntos e a Virgem Santíssima com eles na casa da Última Ceia. Na última refeição de Jesus, e sempre depois, vi Maria orando e partindo o pão sempre em frente de Pedro, que agora ocupava o lugar do Senhor no círculo de oração e nas refeições. Tive então a impressão de que Maria ocupava agora uma posição de grande importância entre os Apóstolos e que ela estava colocada à frente da Igreja.

Os apóstolos mantiveram-se muito distantes. Não vi ninguém da grande multidão de seguidores de Jesus indo até eles para a casa da Última Ceia. Eles se protegeram mais contra a perseguição dos judeus e se entregaram a orações mais fervorosas e bem reguladas do que os discípulos dispersos em bandos pelos outros aposentos da mesma casa. Este último entrava e saía com mais liberdade. Eu vi muitos deles também percorrendo o caminho do Senhor com muita devoção à noite.

Na eleição de Matias para o Apostolado, vi Pedro na casa da Última Ceia. Ele estava vestido com o manto episcopal e estava no centro do círculo formado pelos Apóstolos. Os discípulos estavam reunidos nos corredores laterais abertos. Pedro propôs José Barsabás e Matias, ambos destacados entre os grupos de discípulos. Houve alguns entre estes que queriam ser escolhidos no lugar de Judas. Os dois mencionados nunca haviam pensado em tal coisa e não tinham desejos sobre o assunto. No dia seguinte foi lançada a sorte, sendo Barsabás e Matias excluídos da assembleia. Quando se descobriu que a sorte havia recaído sobre Matias, alguém entrou nos aposentos dos discípulos e o conduziu aos Apóstolos.

## O Dia Santo de Pentecostes

Todo o interior da sala da Última Ceia era, na véspera da festa, ornamentado com arbustos verdes em cujos ramos eram colocados vasos de flores. guirlandas verdes estavam enroladas de um lado para o outro. Foram retiradas as telas que

separavam os corredores laterais e o vestíbulo; apenas o portão do pátio externo estava fechado. Pedro, em seu manto episcopal, estava em pé diante de uma mesa coberta de vermelho e branco, sob a lâmpada em frente à cortina do Santo dos Santos. Sobre a mesa havia rolos de escrita. Em frente a ele, na porta que dava para o salão de entrada, estava a Virgem Santíssima, com o rosto velado, e atrás dela, no salão de entrada, estavam as santas mulheres. Os Apóstolos estavam em duas fileiras voltadas para Pedro ao longo de cada lado do salão, e dos corredores laterais, os discípulos alinhados atrás dos Apóstolos participavam dos hinos e orações. Quando Pedro partiu e distribuiu o pão que havia abençoado anteriormente, primeiro à Virgem Santíssima, depois aos Apóstolos e discípulos que se adiantaram para recebê-lo, estes beijaram-lhe a mão, incluindo a Virgem Santíssima. Além das santas mulheres, estavam na casa da Última Ceia e em suas dependências cento e vinte seguidores de Jesus.

Depois da meia-noite surgiu um movimento maravilhoso em toda a natureza. Comunicou-se a todos os presentes enquanto eles permaneciam em profundo recolhimento, com os braços cruzados sobre o peito, perto dos pilares da Sala de Ceia e nos corredores laterais, orando silenciosamente. A quietude invadiu a casa e o silêncio reinou em todo o recinto.

Pela manhã, vi acima do Monte das Oliveiras uma brilhante nuvem branca de luz descendo do céu e aproximando-se da casa. À distância, parecia-me uma bola redonda levada por uma brisa suave e quente. Mas, chegando mais perto, parecia maior e flutuava sobre a cidade como uma massa luminosa de neblina até ficar acima de Sião e da casa da Última Ceia. Parecia contrair-se e brilhar com brilho cada vez maior, até que finalmente, com um ruído impetuoso e estrondoso como o do vento, afundou como uma nuvem de trovão flutuando baixo na atmosfera. Vi muitos judeus, que avistaram a nuvem, correndo aterrorizados para o Templo. Eu mesmo experimentei uma ansiedade infantil sobre onde deveria me esconder caso o impacto acontecesse, pois a coisa toda era como uma tempestade que se formou de repente, que em vez de surgir da terra desceu do céu, era luz em vez de escuridão, que em vez de trovejar desceu com um vento impetuoso. Eu senti aquele movimento acelerado. Era como uma brisa quente cheia de poder para refrescar e revigorar.

A nuvem luminosa desceu sobre a casa e, com o aumento do som, a luz tornou-se mais brilhante. Via mais claramente a casa e os seus arredores, enquanto os Apóstolos, os discípulos e as mulheres ficavam cada vez mais silenciosos, mais profundamente recolhidos. Depois disso, raios de luz branca dispararam das nuvens sobre a casa e seus arredores. Os feixes se cruzavam em raios sétuplos e, abaixo de cada interseção, transformavam-se em finos fios de luz e gotas de fogo. O ponto em que as sete correntes se cruzavam era cercado por uma luz de arco-íris, na qual flutuava uma figura luminosa com asas estendidas, ou raios de luz que pareciam asas, presas aos ombros. Naquele mesmo instante, toda a casa e seus arredores foram completamente penetrados pela luz. A lâmpada de cinco braços não brilhava mais. Os fiéis reunidos foram arrebatados em êxtase. Cada um involuntariamente jogou a cabeça para trás e ergueu os olhos ansiosamente para o alto, enquanto na boca de cada um fluía um fluxo de luz como uma língua de fogo ardente. Parecia que eles estavam respirando, como se estivessem bebendo avidamente o fogo, e como se seu desejo ardente saísse de sua boca para encontrar a chama que entrava. O fogo sagrado foi derramado também sobre os discípulos e as mulheres presentes na antecâmara, e assim a nuvem resplandecente dissolveu-se gradualmente como se fosse uma chuva de luz. As chamas desceram sobre cada um em cores diferentes e em diferentes graus de intensidade. Depois daquela

efusão de luz celestial, uma coragem alegre invadiu a assembléia. Todos estavam cheios de emoção e como se estivessem embriagados de alegria e confiança. Eles se reuniram em torno da Virgem Santíssima que era, eu vi, a única perfeitamente calma, a única que mantinha um autodomínio tranquilo e santo. Os Apóstolos abraçaram-se e, impelidos por uma alegre confiança, exclamaram: “O que éramos? O que somos agora? As santas mulheres também se abraçaram. Os discípulos nos corredores laterais foram igualmente afetados, e os apóstolos apressaram-se a ir até eles. Uma nova vida cheia de alegria, de confiança e de coragem foi infundida em todos. A alegria deles encontrou expressão na ação de graças. Eles se reuniram para orar, agradeceram e louvaram a Deus com grande emoção. A luz entretanto desapareceu. Pedro deu uma instrução aos discípulos e enviou vários deles às hospedagens dos convidados de Pentecostes.

Entre a casa da Última Ceia e o Tanque de Betsaida existiam vários galpões e hospedarias públicas para acomodação dos convidados que subiam para a festa. Naquela época eles eram muito numerosos e também receberam a graça do Espírito Santo. Um movimento extraordinário permeou toda a natureza. As pessoas boas foram despertadas interiormente, enquanto os ímpios tornaram-se tímidos, inquietos e ainda mais obstinados. A maioria desses estrangeiros estava acampada ali desde a Páscoa, porque a distância de suas casas tornava totalmente impraticável uma viagem de ida e volta entre aquela festa e o Pentecostes. Eles se tornaram, por tudo o que viram e ouviram, bastante íntimos e bondosos para com os discípulos, de modo que estes, embriagados de alegria, anunciaram-lhes a promessa do Espírito Santo como cumprida. Então também eles se tornaram conscientes de uma mudança dentro de suas próprias almas e, a pedido dos discípulos, reuniram-se ao redor do tanque de Betsaida.

Na casa da Última Ceia, Pedro impôs as mãos a cinco dos Apóstolos que deveriam ajudar a ensinar e batizar no tanque de Betsaida. Eles eram Tiago, o Menor, Bartolomeu, Matias, Tomé e Judas Tadeu. Este último teve uma visão durante sua ordenação. Parecia-lhe que apertava contra o peito o Corpo do Senhor.

Antes de partirem para o tanque de Betsaida para consagrar a água e administrar o Batismo, receberam de joelhos a bênção da Virgem Santíssima. Antes da Ascensão de Jesus, esta cerimônia era realizada em pé. Nos dias seguintes vi esta bênção ser dada sempre que os Apóstolos saíam de casa, e também no seu regresso. A Virgem Santíssima usava nessas ocasiões, e geralmente quando aparecia entre os Apóstolos em seu posto de dignidade, um grande manto branco, um véu branco creme e um lenço de tecido azul-celeste que pendia de sua cabeça de ambos os lados até o chão. Era ornamentado com bordados e preso firmemente na cabeça por uma coroa de seda branca.

O batismo no tanque de Betsaida foi organizado pelo próprio Jesus para a festa deste dia, e os discípulos, em consequência, fizeram todos os tipos de preparativos no tanque, bem como na antiga sinagoga que haviam apropriado para seu próprio uso. As paredes da sinagoga foram cobertas com tapeçarias, e do prédio até o tanque foi erguida uma tenda coberta.

Os Apóstolos e discípulos caminharam em procissão solene, dois a dois, desde a casa da Última Ceia até o Tanque. Alguns dos discípulos carregavam uma garrafa de couro com água benta e um hisopo. Os cinco apóstolos aos quais Pedro impôs as mãos separaram-se, cada um tomando uma das cinco entradas do tanque, e dirigiram-se ao povo com grande entusiasmo. Pedro subiu na cadeira do professor que lhe fora preparada no terceiro círculo do tanque, contando a partir do exterior. Este terraço era o mais amplo. Os ouvintes encheram todos os terraços da piscina. Quando os apóstolos falaram, a multidão ouviu com espanto, pois cada um ouvia o

que lhe parecia a sua própria língua. Foi devido a este espanto do povo que Pedro levantou a voz, como está registado nos Atos dos Apóstolos. (Atos 2:14-40).

Enquanto muitos se apresentavam para o Batismo, Pedro, auxiliado por João e Tiago Menor, abençoou solenemente a água. A água benta, que trouxeram numa garrafa de couro da casa da Última Ceia, Pedro aspergiu em finos jatos bem acima do tanque com um hissopo. Os preparativos para o Batismo e o próprio Batismo ocuparam o dia inteiro. Os neófitos aproximaram-se da cadeira de Pedro em grupos e alternadamente, os outros apóstolos pregando e batizando nas entradas. A Virgem Santíssima e as santas mulheres ocupavam-se na sinagoga perto da piscina, distribuindo as vestes brancas aos neófitos. As mangas dessas vestes eram amarradas nas mãos com faixas pretas, que eram retiradas após o Batismo e empilhadas. Os neófitos apoiaram-se numa grade. A água era recolhida em uma bacia e depois despejada com a mão três vezes sobre a cabeça. Fluía novamente através de um canal para a piscina abaixo. Uma bacia continha água suficiente para cerca de dez casais. Cada dois batizados davam lugar a dois neófitos, aos quais impunham as mãos como padrinhos. Os batizados ali naquele dia foram aqueles que receberam apenas o batismo de João. As santas mulheres também foram batizadas. As pessoas admitidas à Comunidade naquele dia somaram três mil. Naquela noite, os Apóstolos e os discípulos voltaram à casa da Última Ceia, onde fizeram uma refeição e distribuíram o pão abençoado. Depois veio a oração da noite.

Os judeus ofereceram no Templo pequenos cestos contendo dois pequenos pães feitos com o cereal daquele ano. Os cestos foram depositados uns sobre os outros, até formarem montes altos, e depois foram distribuídos aos pobres. Uma vez vi que o Sumo Sacerdote tinha na mão um monte de espigas grossas como milho. Também foi oferecido algo parecido com raízes e algum tipo de fruta que eu desconhecia. Os estranhos debaixo dos galpões tinham burros carregados com eles, e as pessoas faziam compras deles. O pão era feito por eles mesmos. Os apóstolos ofereceram apenas os dois pães por meio de Pedro. Nos dias seguintes também ocorreram catequeses e batismos no tanque. Antes dos Apóstolos e discípulos descerem para estes deveres, receberam a bênção da Virgem Santíssima.

## A Igreja no Tanque de Betsaida

O tanque de Betsaida ficava em uma ravina do vale que separava o Monte Sião do Templo e do resto daquele bairro da cidade, e que declinava para o leste no Vale de Josafá. Parecia ter sido construído de forma a impedir a visão do Templo a oeste, pois de um lado não se podia ver tudo ao redor, como era possível fazer nos outros. O caminho até lá era bastante largo, mas os muros estavam parcialmente tombados e a estrada estava cheia de grama e juncos. Justamente nesse ponto descia para uma ravina que se tornava mais verde em proporção à sua profundidade. Da piscina podia-se ver, a sudoeste, um ângulo do Santo dos Santos. O tanque das ovelhas ficava ao norte do Templo, perto do mercado de gado, e era totalmente cercado por um muro. Da casa da Última Ceia, que ficava na altura oriental do Monte Sião, o caminho levava ao tanque de Betsaida, primeiro para o leste ao redor da altura de Sião, depois serpenteava em semicírculo para o norte, depois virava para para o oeste e, por último, para o leste novamente em uma curva. Todo este bairro de Sião, até o reservatório e descendo até o vale de Josafá, apresentava uma aparência de desolação. Nos prédios dilapidados eram formadas moradias para os pobres, nas encostas cresciam bosques de zimbros e as cavidades eram cobertas com grama alta e junco. Os judeus evitavam esta localidade, então os novos convertidos começaram a se estabelecer nela.

O Tanque de Betsaida era oval e rodeado por cinco terraços, como um anfiteatro. Cinco lances de escadas levavam desses terraços até o lago até os pequenos esquifes em forma de calha onde os doentes que procuravam cura eram deitados enquanto esperavam para serem aspergidos pelas águas borbulhantes. Havia também na piscina uma bomba de cobre, que chegava quase à altura de um homem acima da superfície da água e era quase tão grande quanto uma bateadeira. Uma pequena ponte de madeira com grade levava até lá. Vi perto da ponte um tubo e um pistão, que estavam conectados à bomba. Quando o pistão era forçado para baixo, uma válvula era aberta e um jato de água espirrava para fora da bomba. Através de alterações feitas na abertura, o fluxo poderia ser aumentado ou diminuído e feito fluir em diferentes direções. A parte superior da bomba também poderia ser fechada e, a partir de jatos laterais, os jatos poderiam jorrar por toda parte, como água de um regador. Muitas vezes vi os doentes nos esquifes remando até a bomba para receber os jatos sobre eles. A entrada da Piscina costumava estar fechada. Era aberta apenas para os doentes. Esta bomba estava fora de uso, e na festa de Pentecostes ainda não havia sido consertada, mas alguns dias depois a vi restaurada. As paredes do terraço continham pequenos salões abobadados nos quais havia bancos de pedra escavados em forma de calha. Eram para acomodação dos enfermos. Eles podiam olhar para o tanque de todos os lados, para ver se as águas estavam agitadas ou não. O terraço mais baixo, o mais próximo da piscina, era dotado de pequenos parapeitos ou barras. O fundo da piscina era coberto por areia branca e brilhante, através da qual borbulhavam três nascentes e às vezes jorravam acima da superfície da água. O sangue dos animais oferecidos em sacrifício fluía através de canos sob o altar do Templo até o Tanque. Com a sua envoltória e os edifícios antigos nas suas proximidades, a piscina cobria uma área muito extensa. Antes de chegar até lá era preciso passar por uma parede onde só havia três aberturas. A leste do lago, o vale descia íngreme, mas a oeste, atrás do lago, era menos profundo e era atravessado por uma pequena ponte. O lado norte também era íngreme e coberto de vegetação, e no nordeste havia uma estrada que conduzia ao Templo. Mas agora estava arruinada e totalmente impraticável. Pequenos caminhos, porém, conduziam à cidade, de modo que não era necessário passar pelos portões públicos. Jesus usou muitas vezes esses caminhos.

Até então, toda a piscina estava fora de uso, pois ela e seus arredores haviam caído em decadência. Como muitos santuários antigos de nossos dias, foram bastante negligenciados. Apenas algumas pessoas pobres e de fé viva ainda a veneravam e a visitavam. Após a cura do paralisado por Jesus, o tanque voltou a ser mais frequentado, embora ainda mais odioso para os fariseus. As paredes exteriores estavam em alguns pontos bastante em ruínas e muitas partes dos terraços estavam em ruínas. Mas agora tudo foi reparado. As paredes caídas foram parcialmente substituídas por telas móveis, e da piscina até a sinagoga foi erguida uma tenda coberta.

A antiga sinagoga, agora transformada em igreja, era menos cercada de edifícios do que a casa da Última Ceia, cujo pátio de um lado era contíguo a uma fileira de casas. Vi os Apóstolos e os discípulos, depois da Festa de Pentecostes, trabalhando continuamente na organização interior da Igreja. Pedro, João, André e Tiago Menor se revezavam na pregação em três lugares diferentes ao redor do tanque e no terceiro terraço, onde ficava a cadeira de instrução de Pedro. Um grande número de fiéis estava sempre presente, e muitas vezes eu os via prostrados no chão em fervorosa oração. Não há palavras para dizer que atividade reinou em toda a Comunidade em todos os momentos. Tecelagem, entrançamento e todo tipo de trabalho para a nova igreja e para os pobres eram realizados.

A igreja era um edifício grande, comprido e quadrangular, com janelas reais no alto das paredes. Por meio de degraus na parede, podia-se subir pelo lado de fora até a cobertura plana, que era cercada por uma galeria. Nele havia três pequenas cúpulas que podiam ser abertas como buracos de ventilação. O interior, nos dois comprimentos e numa das extremidades, era mobilado com bancos de pedra para a reunião, e o edifício era em todos os aspectos transformado em igreja. Numa das extremidades ficava o altar, a uma distância tal da parede que sobrava espaço suficiente para uma sacristia, formada por biombos de vime que iam do altar até às paredes laterais. Essas telas eram cobertas na frente com um material branco e fino, do outro lado com um material mais grosso. O altar era portátil. Consistia em um longo pedaço de madeira com quatro cantos, coberto e apoiado em três degraus. De cada lado, porém, havia apenas um degrau, que podia ser aberto para permitir a colocação de tapetes, e a parte de trás do altar também se abria para receber as vestimentas. Sobre ele havia um tabernáculo em forma de sino, com uma fina cobertura branca fechada na frente por dois pequenos escudos metálicos. Havia uma maçaneta no topo, pela qual poderia ser levantada. De cada lado do tabernáculo havia lâmpadas ramificadas com pavios acesos. Todo o altar era cercado por uma cortina branca com listras coloridas, que era sustentada por um dossel. Pendia apenas um pouco abaixo do topo do altar. O próprio dossel formava um nicho e dependia de cinco tiras da mão de uma figura bordada pelas santas mulheres. Representava um velho com vestes de sumo sacerdote, com uma auréola triangular ao redor da cabeça. Ele ficava em uma postura curvada, como se estivesse olhando para baixo através de uma abertura na cobertura, uma mão estendida como se estivesse dando uma bênção, a outra segurando as cinco tiras do dossel. A cortina era inteira na parte de trás, mas na frente podia ser puxada para os lados ou fechada com fechos de metal.

Do altar elevado até o púlpito havia um espaço reservado para as cerimônias do coro dos Apóstolos e discípulos. Depois da santa Ressurreição, vi-os reunidos todos os dias na sala da Última Ceia para orar em coro. Os Apóstolos ficavam de cada lado do salão, de frente para o Santo dos Santos, enquanto os discípulos ocupavam o vestibulo aberto para a ocasião. Eles cantaram e oraram, alternadamente e em coro. Vi Nicodemos, José de Arimatéia e Obede também presentes. A Virgem Santíssima geralmente ficava sob a entrada central do vestibulo, com o rosto voltado para o Santo dos Santos. Ela usava o longo manto branco e estava velada. O próprio Jesus organizou o serviço coral e, na hora de comer o peixe em Tiberíades, ou talvez durante a própria refeição, explicou aos apóstolos o significado misterioso daquela cerimônia religiosa. Ele repetiu o mesmo quando Tomé tocou Suas sagradas feridas e deu testemunho de sua fé. Certa vez também vi que Jesus lhes apareceu enquanto cantavam em coro antes do amanhecer. Eles se reuniam diariamente duas vezes, à noite até depois do anoitecer, e antes do amanhecer pela manhã. Abaixo do púlpito, a congregação estava isolada do coro por uma grade, através de muitos lugares por onde o Santíssimo Sacramento poderia chegar até eles. Era quase como a grade vista nos claustros. De cada lado do púlpito havia pequenas portas pelas quais os Apóstolos e discípulos podiam entrar no coro. A congregação era organizada numa certa ordem, as mulheres separadas dos homens.

Vi os Apóstolos e os discípulos indo em procissão com o Santíssimo Sacramento desde a casa da Última Ceia até a nova igreja. Antes de partir, Pedro, parado na entrada do pátio e rodeado por cerca de vinte discípulos, proferiu um discurso público diante de muitas pessoas. Ele falou com palavras ardentes. Muitos judeus correram para ouvi-lo e tentaram interrompê-lo apresentando objeções, mas seus esforços foram infrutíferos. Terminado o discurso, a procissão desceu até à nova

igreja perto do Tanque, Pedro trazendo nas mãos o cálice contendo o Santíssimo Sacramento. O cálice estava coberto com um linho branco, algo parecido com uma bolsa, que estava pendurado em seu pescoço. A Virgem Santíssima caminhou atrás dos Apóstolos com as outras mulheres e os discípulos. Uma parte do caminho estava coberta com telas de esteira e, nas proximidades da igreja, a estrada estava até coberta com toldos. O Santíssimo Sacramento foi colocado no novo tabernáculo no altar. A bandeja cheia de pão abençoado também foi trazida.

O chão da igreja, como o da casa da Última Ceia nestes últimos dias, estava coberto de tapetes coloridos. Os Fiéis entraram descalços.

O Santíssimo Sacramento foi depositado num vaso cuja tampa podia ser virada para o lado. Colocava-se em pedacinhos sobre um prato que cobria o fundo do recipiente e que podia ser levantado por meio de uma alça, para mais comodidade de alcançá-los.

## **Pedro celebra a primeira Santa Missa na Sala da Última Ceia**

No oitavo dia depois da festa de Pentecostes, vi os apóstolos a toda a noite em atividade e oração na sala do Cenáculo. Ao amanhecer, vi-os indo ao templo com muitos discípulos. Ali foi também a Virgem Maria com as santas mulheres. Pareceu-me que havia uma festa, pois vi um arco de triunfo diante da entrada do templo e neste arco uma figura com uma espada vitoriosa.

Agora vi Pedro debaixo deste arco de triunfo, ensinando perante muitos ouvintes com ardente zelo e entusiasmo. Declarou resolutamente que nenhum tormento, nem chicotadas, nem mesmo a cruz poderiam detê-los de pregar Cristo publicamente. Entrou no templo e sentou-se no banco onde Jesus ensinava. Ouvi todos os apóstolos e discípulos exclamarem: "Sim" em voz alta e clamorosa, testemunhando as palavras de Pedro. Quando, depois, os vi orando, uma nuvem luminosa veio sobre o templo, e sobre eles uma chama tão brilhante que as lâmpadas do templo pareciam escuras e avermelhadas em comparação. Por volta das oito da manhã, saíram do templo, ordenaram-se em procissão no Portão dos Gentios, e saíram primeiro os apóstolos, depois os discípulos, os batizados e os convertidos. Dirigiram-se ao mercado dos animais, de lá para o Portão das Ovelhas, para o vale de Jeosafá, e finalmente para o monte Sião e para o Cenáculo. A Virgem Maria tinha deixado o templo com as santas mulheres e estava agora ajoelhada diante do Santíssimo, no Cenáculo, em oração. Madalena estava no vestíbulo, já orando de pé, já ajoelhada, já prostrada com o rosto no chão e os braços estendidos. As outras mulheres estavam nos quartos de Bethesda, onde viviam em dupla e se ocupavam em lavar e preparar as roupas que eram distribuídas entre os batizados. Quando a procissão chegou ao Cenáculo, os novos convertidos foram retidos no vestíbulo do Cenáculo e convenientemente ordenados lá. Pedro e João entraram e acompanharam a Virgem Maria até à porta do corredor. Maria tinha o seu vestido de solenidade: usava o seu longo manto branco, cuja parte interna, dobrada, era bordada. Sobre o véu tinha uma espécie de coroa de seda da qual penduravam duas longas fitas.

Pedro falou com os convertidos e entregou-os a Maria como sua Mãe: fez com que fossem trazidos em grupos de vinte a vinte à Virgem, que os abençoou afetuosamente, recebendo-os assim como filhos.

Depois disso começou uma função solene no Cenáculo. As portas laterais e as do salão estavam abertas. No altar, sobre o Santíssimo, havia uma coroa muito ornamentada, e luzes brilhavam nos lados do cálice da Última Ceia, que estava um pouco mais alto, coberto por um véu branco. Havia no altar outro cálice menor e os

pães, ambos cobertos, e atrás um prato com um recipiente de vinho e outro de água.

Retiraram o prato enquanto o recipiente de vinho foi colocado de um lado e o de água do outro.

Pedro estava vestido com os ornamentos do Bispo e celebrava a Missa; João e Tiago Menor o ajudavam. Vi que Pedro procedia como eu tinha observado na Ceia a Jesus na instituição do Santíssimo Sacramento. Havia ali a oferta, a colocação do vinho e da água, o lavar das mãos e a consagração. O vinho e a água derramaram-se por lados diferentes. De um lado do altar havia rolos para oração escritos em duas colunas. Os rolos estavam presos a uma espécie de suporte com uma espinha por cima e por baixo. Depois de ler uma folha, passava-a sobre o púlpito para continuar a leitura do outro rolo. Quando Pedro fez a comunhão, deu a comunhão aos dois ministros, sob a espécie do pão e com o cálice. Depois João deu a comunhão, primeiro à Virgem Maria, depois aos apóstolos e aos seis discípulos, que receberam em seguida a ordenação sacerdotal, depois distribuíram a comunhão a muitos outros. Os fiéis ajoelhavam-se para receber a comunhão com uma fina tela branca diante deles, que eram sustentadas por duas por suas extremidades. Nem todos beberam do cálice. Os seis discípulos a serem ordenados estavam à frente, entre os apóstolos. Maria trouxe os ornamentos para eles e colocou-os sobre o altar. Estes ordenados eram: Zaqueu, Natanæl, José Barbabas, Bernardo, João Marcos e Eliud, filho do ancião Simeão.

Ajoelharam-se diante de Pedro, que falou e leu um pequeno rolo. João e Tiago tinham luzes nas mãos e punham as mãos sobre os ombros enquanto Pedro as punha sobre a cabeça. Pedro cortou-lhes uma parte de seus cabelos, que foram colocados em um prato sobre o altar; os ungiu com óleo de um recipiente que João segurava, nos dedos e na cabeça; em seguida, receberam as roupas e a estola, parte sob os braços e parte cruzada sobre o peito. A cerimônia foi mais breve do que se faz atualmente, mas muito solene. Pedro abençoou toda a comunidade no final da cerimônia com o grande cálice da Última Ceia, sobre o qual estava depositado o Santíssimo Sacramento.

Maria e as santas mulheres saíram para ir à igreja de Bethesda. Os apóstolos, os discípulos e os convertidos dirigiram-se em procissão até ela carregando ramos verdes e cantando salmos. Maria orou diante do altar do Santíssimo e Pedro pregou do púlpito dando regras para a nova comunidade; que ninguém deveria possuir mais do que outro, que tudo seria dividido e que os pobres que viessem deveriam ser socorridos. Suas palavras foram uma ação de graças pelos benefícios que o Senhor estava trazendo à nova comunidade. Depois passaram para os batismos. Vários apóstolos estavam ocupados nesta tarefa. O batizador tocava o pilar de água da piscina, inclinando a cabeça sobre ele, enquanto Pedro, que tinha colocado uma espécie de avental sobre a sua túnica, dirigindo a água sobre a cabeça três vezes, pronunciando as palavras. Dois já batizados colocavam as mãos sobre o recém-batizado. Muitas vezes vi uma nuvem luminosa descer sobre os batizados ou, às vezes, vir sobre eles como um raio de luz. Eu via os batizados como maravilhosamente esforçados, esclarecidos, mudados e transformados. Era comovente ver como pessoas vinham de todos os lados, deixando tudo o que tinham, para se juntar à comunidade dos apóstolos. À beira da piscina ardia uma tocha como as que eu via com os pastores que guardavam o gado na noite de Natal. À tarde, houve uma refeição no vestíbulo do Cenáculo, na qual também participaram a Virgem Maria, José de Arimatéia, Nicodemos e Lázaro.

## **Primeira Comunhão Geral dos Novos Convertidos. Escolha dos Sete Diáconos**

Todos os batizados desde Pentecostes foram instruídos na igreja de Betsaida sobre o Santíssimo Sacramento e preparados para Sua recepção por seis dos Apóstolos vestidos com longas vestes brancas. Receberam-No na Santa Missa celebrada por Pedro na igreja de Betsaida, assistidos por dois dos Apóstolos. Pedro usava sobre sua longa túnica branca e cinto largo com pontas esvoaçantes, um manto que fôra retirado do baú formado na parte de trás do altar. Era vermelho e dourado brilhante. Era como uma grande capa, funda nas costas e pontuda na frente; e caía tão baixo sobre os ombros que apenas o cinto podia ser visto ao lado. Era presa no peito com três pequenos escudos. No do meio, bem em frente ao peito, estava a representação de uma figura segurando um pão numa das mãos. O escudo mais baixo, o mais próximo das pontas, ou extremidades do manto, trazia uma cruz. Em cada ombro havia uma figura formada por pedras preciosas.

O altar foi coberto primeiro com um pano vermelho e por cima com um pano branco transparente, sobre o qual foi colocado outro pequeno pano de linho branco como um corporal. Num prato oval havia uma pequena pilha de pão branco cortado em fatias bem finas e com linhas para quebrar. Ao lado dela havia uma tigela branca com um pé semelhante a um cálice baixo, ou cibório, onde, depois de consagrado por Pedro, o pão partido em pedaços era colocado para distribuição entre os fiéis. Além de tudo isso, o cálice usado na Última Ceia estava cheio de vinho no altar. Quando, durante a Santa Missa, Pedro pronunciou as palavras de consagração sobre o pão e o vinho, vi o pão tornar-se luminoso, enquanto acima do altar, como que saindo de uma nuvem, apareceu uma mão resplandecente. Acompanhou os movimentos da mão de Pedro enquanto ele abençoava o pão e o vinho, e não desapareceu até que todos se dispersassem após receberem a Comunhão.

Os Apóstolos e discípulos foram os primeiros a receber o Santíssimo Sacramento de Pedro depois da sua Comunhão. Quando a tigela, ou cibório, foi esvaziada, Pedro a reabasteceu com o prato que estava no altar e depois procedeu à distribuição das Espécies Sagradas. O cálice também foi entregue por ele aos Apóstolos e a todos os outros. Os comungantes eram tão numerosos que a igreja não os cabia e muitos tiveram que ficar do lado de fora. Os primeiros a receber a Sagrada Comunhão saíam da igreja para permitir a entrada de outros. Os comungantes não se ajoelharam, mas enquanto recebiam curvavam-se reverentemente.

Antes de escolher os sete diáconos, vi os Apóstolos reunidos em torno de Pedro na sala da Última Ceia, onde o assistiram numa cerimónia solene. Eles o acompanharam até o Santo dos Santos, onde João colocou sobre ele o manto, outro colocou a mitra em sua cabeça e outro colocou o báculo em sua mão. Depois de todos terem recebido a Comunhão de Pedro, vestido com as suas vestes sagradas e rodeado pelos Apóstolos, ele se dirigiu no salão de entrada a uma grande multidão de discípulos e novos convertidos. Ele disse, entre outras coisas, que não convinha que a Palavra de Deus fosse negligenciada no cuidado da roupa e da alimentação; conseqüentemente, Lázaro, Nicodemos e José de Arimatéia não podiam mais supervisionar com propriedade os interesses temporais da Comunidade como haviam feito até então, pois agora haviam se tornado sacerdotes. Depois acrescentou algumas palavras relativas à ordem observada na distribuição das esmolas, dos assuntos domésticos, das viúvas e dos órfãos. Estevão, um jovem esguio e bonito, deu um passo à frente e ofereceu-se para os serviços necessários. Entre outros que fizeram o mesmo, reconheci Parmenas, que era um dos discípulos mais velhos. Havia entre eles alguns mouros, ainda muito jovens, que ainda não

tinham recebido o Espírito Santo. Pedro impôs-lhes as mãos e cruzou-lhes a estola debaixo do braço. Enquanto ele fazia isso, uma luz foi infundida sobre aqueles que ainda não haviam recebido o Espírito Santo. Depois disso, os tesouros e bens da Comunidade foram entregues aos sete diáconos, e para o seu alojamento foi designada a casa de José de Arimateia, que não ficava longe da de João Marcos. João Marcos os ajudou. O dinheiro era carregado em jumentos e consistia em sacos cheios de diversos tipos de moedas. Alguns eram como pequenos caules torcidos em parafusos, outros como placas estampadas amarradas em uma pequena corrente, e outros ainda eram pequenas folhas ovais. A maioria dos bens móveis consistia em grandes pacotes de diferentes materiais, colchas, roupas, também vários recipientes e vários tipos de móveis adequados para tarefas domésticas simples.

No dia seguinte à entrega da casa de José de Arimatéia aos diáconos, vi os Apóstolos dispersarem-se pela Judeia.

Pedro fez mais milagres do que todos os outros. Ele expulsou demônios, ressuscitou os mortos – sim, até vi um anjo indo diante dele até o povo e dizendo-lhes que deveriam fazer penitência e pedir ajuda a Pedro.

Eu vi a cura do coxo. Já passava das três horas do meio-dia quando Pedro e João subiram ao Templo com vários discípulos. Maria e algumas das santas mulheres também foram. Um homem coxo foi trazido numa liteira e colocado à porta do Templo. Pedro e João, ao chegarem, trocaram algumas palavras com ele. Então vi Pedro parado sob um toldo na praça aberta do lado sul do Templo, de costas para a parte do edifício onde estava o altar do sacrifício, e dirigindo-se ao povo com um discurso inflamado. Durante sua instrução, vi a porta de saída cercada por soldados e sacerdotes conversando entre si. E então vi Pedro e João, voltando-se novamente para o Templo, abordados pelo coxo pedindo esmolas. Ele estava deitado do lado de fora da porta, um completo aleijado, apoiado no cotovelo esquerdo, enquanto se esforçava em vão para levantar alguma coisa com a muleta na mão direita. Pedro disse-lhe: “Olha para cima!” e quando o homem obedeceu, continuou: “Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho isso te dou! Em nome de Jesus Cristo de Nazaré, levante-se e ande!” Pedro levantou-o pela mão direita, enquanto João o agarrou por baixo do ombro. O homem, cheio de alegria e vigor, levantou-se e eu o vi saltando, curado, e correndo com gritos de triunfo pelos corredores do Templo.

Doze sacerdotes judeus que ali estavam sentados em suas cadeiras olharam, com os pescoços estendidos, na direção do tumulto, e à medida que a multidão em torno do homem curado aumentava a cada momento, eles deixaram seus assentos e se retiraram. Pedro e João foram para o pátio, e vi o primeiro subindo na cadeira de professor onde Jesus havia ensinado quando era um menino de doze anos. O homem curado estava diante dele rodeado por uma multidão de pessoas, algumas da cidade, outras estranhas de longe. Pedro pregou longamente e com palavras cheias de inspiração. Já estava escuro quando o vi, juntamente com João e o homem curado, detidos pelos soldados do Templo e jogados numa prisão perto do tribunal onde ele havia negado o Senhor. No dia seguinte, todos os três foram levados pelos soldados e, com muito mau uso, subiram o mesmo lance de escadas em que Jesus estivera, e ali julgados por Caifás e os outros sacerdotes. Pedro falou com grande entusiasmo, após o que eles foram libertados.

Os demais Apóstolos passaram a noite na casa da Última Ceia em contínua oração pelos presos. Quando Pedro e João voltaram e lhes contaram tudo o que havia acontecido, a alegria deles explodiu em um forte ato de ação de graças, e toda a casa tremeu, como se o Senhor quisesse lembrá-los de que Ele ainda estava entre eles e tinha ouvido suas palavras de oração. Diante disso, Tiago Menor disse que

Jesus, quando lhe apareceu sozinho no monte da Galiléia, lhe dissera que depois que Pedro e João, ao subirem ao Templo, fossem presos e depois libertados, eles deveriam manter-se um pouco afastados por um tempo.

Com esta notícia, vi os Apóstolos fechando tudo, e Pedro, com o Santíssimo Sacramento pendurado ao pescoço num saco, indo com os outros para Betânia. Eles fizeram a viagem em três grupos. A Mãe de Deus e outras mulheres também foram. Enquanto estavam em Betânia, os apóstolos pregaram com entusiasmo na hospedaria dos discípulos, na de Simão e na de Lázaro. Quando voltaram novamente a Jerusalém, estavam mais entusiasmados e mais determinados do que nunca. Pedro, ao ensinar na casa da Última Ceia e na igreja do tanque de Betsaida, declarou que agora era a hora de descobrir quem havia preservado o Espírito enviado por Jesus, agora era a hora de trabalhar, de sofrer perseguições, e desistir de todas as coisas. Quem não se sentisse forte o suficiente para isso deveria partir. Vi que cerca de uma centena daqueles que se juntaram recentemente à Comunidade se afastaram da grande multidão na igreja de Betsaida.

Quando Pedro, acompanhado por João e outros sete apóstolos, foi novamente ensinar no Templo, encontrou vários enfermos deitados em liteiras sob tendas no Vale de Josafá. Muitos outros jaziam ao redor do Templo, na corte dos pagãos e até mesmo nos degraus. Eu vi Pedro realizando a maioria das curas. Os outros realmente curaram alguns, mas ajudaram Pedro mais do que curaram. Pedro curou apenas aqueles que acreditavam e desejavam ingressar na Comunidade. Naqueles lugares onde os enfermos estavam dispostos em duas fileiras, um de frente para o outro, vi curados, se Pedro quisesse, aqueles sobre os quais sua sombra passava, enquanto ele estava ocupado com a fileira oposta.

## **A Virgem Santíssima vai com João para os arredores de Éfeso**

Estêvão foi apedrejado cerca de um ano após a crucificação de Jesus Cristo. Contudo, não houve perseguição imediata aos apóstolos; Apenas as comunidades de Jerusalém foram dissolvidas, os cristãos foram dispersos e alguns também foram mortos. Alguns anos depois, uma perseguição surgiu novamente. Por esta altura, Maria Santíssima, que até então vivia no quartinho ao lado do Cenáculo em Betânia, foi levada pelo apóstolo João a Éfeso, onde alguns cristãos já tinham ido viver.

Isto aconteceu pouco depois de Lázaro e suas irmãs terem sido capturados pelos judeus e lançados ao mar num barco ruim.

Mais tarde, João retornou a Jerusalém, onde os outros apóstolos estavam reunidos. Tiago, o Maior, foi um dos primeiros que, depois da divisão do mundo, deixou Jerusalém e se dirigiu para a Espanha. Vi-o primeiro nas proximidades de Belém, onde se escondeu antes de partir. Da gruta de Belém saiu pelo país com alguns companheiros para pregar o Evangelho. Os judeus vigiavam os apóstolos, pois não queriam que eles saíssem do país. Tiago tinha amigos em Jope e por isso pôde embarcar no exterior. Foi primeiro para Éfeso, onde visitou Maria e de lá partiu para a Espanha. Pouco antes de sua morte, ele visitou Maria e seu irmão João novamente em Éfeso. Ali, Maria lhe disse que sua morte estava se aproximando e confortou e encorajou o apóstolo por seu fim próximo. Tiago despediu-se da Virgem Maria e de seu irmão João e rumou para Jerusalém. Nesta época ocorreu o episódio com o mago Hermógenes, a quem ele converteu à fé junto com seu discípulo. Tiago foi preso diversas vezes e apresentado perante o Sinédrio.

Vi como ele foi preso, pouco antes da Páscoa, enquanto pregava ao ar livre numa colina. Sei que foi nessa época, porque vi o povo, como sempre, estabelecido pela cidade. Tiago não ficou muito tempo na prisão; Ele foi julgado na mesma casa que

Jesus, embora o interior tivesse mudado um pouco na aparência. Aqueles lugares que Jesus tocou não estavam mais lá. Sempre acreditei que tais lugares, santificados por Jesus, não deveriam ser pisados por outros. Vi que Tiago foi levado ao Monte Calvário: não parou de pregar e converteu muitos nesta ocasião. Quando amarraram suas mãos, ele disse: “Vocês podem amarrar minhas mãos, mas não tirarão delas a bênção e nem de minha língua o anúncio”. Um aleijado na estrada gritou ao apóstolo que queria tocá-lo com as mãos para curá-lo. O apóstolo respondeu: “Vem até mim e dá-me a tua mão”. O aleijado assim o fez; levantou-se, aproximou-se e, ao tocar nas mãos amarradas de Tiago, viu-se também curado. Ele o havia denunciado e entregue aos sacerdotes, agora veio e pediu perdão. Converteu-se a Cristo e foi morto junto com o apóstolo. Quando Tiago lhe perguntou se queria ser batizado e ele respondeu que esse era o seu desejo, Tiago abraçou-o e beijou-o, e disse-lhe: “Você será batizado em seu próprio sangue”. Também vi uma mulher chegar a Tiago com uma criança cega, pedindo a visão. Primeiro colocaram Tiago em um lugar alto, ao lado de Josias, e a sentença foi lida para ele. Então eles o desceram e amarraram ambas as mãos a uma pedra, vendaram-no e decapitaram-no. Isso aconteceu onze anos após a morte de Jesus, entre 46 e 47 do nascimento de Cristo. Na morte de Maria Santíssima em Éfeso não vi Tiago presente: naquela ocasião outro o representava, um parente da Sagrada Família e um dos primeiros dos 72 discípulos.

Maria morreu no ano 48, treze anos e dois meses depois da Ascensão do Senhor. Foi-me mostrado isso em cifras e não em números como os nossos. Primeiro vi IV, depois VIII, que dão 48; então vi XIII e duas luas cheias.

A morada da Virgem não era em Éfeso propriamente dita, mas a duas ou três horas de distância, numa altura onde se refugiaram outros cristãos da Palestina e algumas mulheres parentes de Maria. Desta altura e de Éfeso, um riacho corria em muitas curvas. A altura terminava quase no pico de Éfeso, que podia ser avistado, vindo de Sudeste, numa altura que parecia estar próxima dele. Diante de Éfeso vi longas avenidas de árvores com frutos amarelos, muitos no chão. Vários caminhos conduziam da cidade aos morros, repletos de vegetação selvagem, sobre as quais existia uma área de cerca de uma hora de caminhada, plana e fértil, repleta de árvores frondosas e muitas grutas naturais na rocha. Estas grutas eram utilizadas pelos refugiados cristãos dali, dispostas com divisórias e trabalhos em madeira. O complexo oferecia a aparência de uma pequena população de trabalhadores. Do alto da montanha, que estava mais perto do mar do que da cidade, avistava-se o mar com as suas inúmeras ilhas e também a cidade. Não muito longe desta cidade ficava um castelo onde vivia um rei deposto. João frequentemente o recebia e conseguiu convertê-lo à fé.

Mais tarde, este local foi sede de um bispado.

Entre os refugiados cristãos vi mulheres, crianças e alguns homens. Nem todos estes refugiados tiveram uma relação com a Virgem Maria: só vi algumas mulheres que vinham de vez em quando visitá-la ou ajudá-la nas tarefas domésticas. Essas mulheres também cuidavam da manutenção da Virgem. A região estava quase deserta; ninguém subia a esses lugares e nenhuma estrada principal levava até eles. O povo de Éfeso não cuidava dos refugiados, que estavam como que esquecidos. O solo era fértil e os cristãos tinham pomares e frutas. Dos animais, só vi cabras montesas. Antes de João trazer Maria para Éfeso, ele havia construído uma casa de material como a que tinha em Nazaré. Ficava no meio da sombra das árvores.

A casa era dividida em duas partes. Tinha uma lareira escavada numa cavidade no chão, junto à parede e voltada para a entrada da sala. Nesta parede havia degraus que chegavam ao teto plano, onde ficava a chaminé, constituído por um tubo

saliente. Em ambos os lados da lareira havia divisórias leves separando a parte de trás do quarto de Maria. Em ambos os lados das paredes existiam divisórias formando células que eram facilmente removíveis, deixando todo o espaço livre. Nessas celas dormiam e pernoitavam a empregada de Maria e outras mulheres que vinham visitá-la. Nas divisórias que dividiam a casa havia duas portas, que davam para o fundo do cômodo, que terminavam em formato redondo e cujas paredes eram revestidas de madeira entrelaçada. O telhado era curvo nas laterais e também atrás, e decorado com figuras de plantas escavadas na madeira.

No fundo daquela sala, Maria tinha seu lugar isolado para oração, separado do resto por uma cortina. Na parede havia um nicho com um recipiente tipo Tabernáculo que se abria, e uma cruz aparecia com um côvado de comprimento, como a cruz de Cristo com os dois braços em forma de Y. Essa cruz, muito simples, eu acho que foi feita em parte pelo apóstolo João e pela Virgem. Era feita de vários tipos de madeira: a madeira principal era o cipreste: um braço parecia cedro; a outra, mais amarelada, de palmeira, e a parte superior, com sinal, de oliveira. A viga principal estava cravada numa pedra, como se a cruz de Jesus tivesse sido colocada numa rocha no Calvário. Ao pé do Crucifixo havia um pergaminho onde estavam escritas algumas palavras de Cristo, cuja imagem estava, na cruz, não solta, mas gravada com traços na madeira. Em ambos os lados do Crucifixo havia dois vasos com flores. Ao lado da cruz vi um pano e fiquei convencido de que foi aquele que a Virgem usou quando, depois da descida, lavou o sangue das feridas de Jesus; Pois bem, enquanto olhava para aquele pano tive uma visão da Virgem com Jesus, morto de joelhos, e a Virgem lavando o sangue das suas feridas. Isto é também o que o sacerdote faz na Missa quando purifica o cálice.

Uma cruz semelhante, mas menor, a Virgem tinha em seu quarto. À direita do oratório de Maria e tocando o ângulo curvo, separado por duas divisórias laterais, ficava o quarto da Virgem com uma cortina na frente, que era fechada à vontade.

Este quarto era composto por uma cama de madeira, com cerca de trinta centímetros de altura, bastante estreita, sobre a qual estava estendido um cobertor preso nos quatro lados.

Tudo estava coberto com tapeçarias com borlas que iam até o chão. Um pãozinho servia de travesseiro e um cobertor de cobertura. O teto desta parte da sala era coberto de madeira e uma luminária com vários braços pendurada no centro. Ali vi Maria descansando antes de sua morte, envolta em um vestido branco que cobria até os braços. O véu na cabeça estava puxado para cima em dobras. Quando conversava com os homens, abaixava-o modestamente e suas mãos só ficavam descobertas quando estava sozinha. Nos últimos anos não a vi comer nada além do suco de uma fruta com bagas amarelas que pareciam uvas. A empregada espremia o suco dessas frutas.

Em frente a esta cela havia, à esquerda do oratório, um espaço para roupas, disposto em madeira entrelaçada. Ali estavam pendurados alguns véus, cintos e um grande manto no qual a Virgem se envolvia ao percorrer a Via Sacra. Vi dois vestidos longos, um branco e outro azul claro, e uma capa colorida. Foi o vestido que ela usou quando foi dada como esposa a José. Vi que Maria guardou várias roupas de Jesus, entre outras a túnica sem costuras. Entre o armário de roupas e o quarto havia uma cortina que separava o oratório. Diante desta cortina a Virgem costumava sentar-se quando costurava ou bordava. Neste lugar isolado e solitário a Virgem viveu os últimos anos, pois a sua casa estava afastada das outras a uma distância de um quarto de hora. Ela morava sozinha, com uma empregada, que às vezes lhe trazia tão pouco como apóstolo ou discípulo.

Uma vez vi João entrar em casa, parecendo ser mais velho. Ele era um homem

esguio e usava uma roupa longa e pregueada com cinto. Ela tirou essa vestimenta ao entrar e colocou outra veste com letras bordadas. Um manípulo foi colocado no braço. A Virgem estava em seu quarto e veio até João acompanhada de sua criada. A Virgem estava com um vestido branco e me parecia muito fraca. Seu rosto era quase transparente e branco como a neve. Pareceu-me que ele estava desmaiando de saudade. Toda a sua vida foi, desde a Ascensão de Jesus, um suspiro contínuo e uma saudade que a consumia. Maria aproximou-se do seu oratório com João; ali descobriu, puxando uma fita, o sacrário onde estava o seu Crucifixo, diante do qual, ajoelhados, rezaram longamente. Então João levantou-se e tirou de um recipiente de metal um invólucro de linho fino, onde se guardava entre dois panos brancos um pão quadrado e branco: era o Santíssimo Sacramento com o qual João deu a Comunhão a Maria, acompanhado de algumas palavras. Ele não lhe apresentou o cálice nesta ocasião.

## **A “Santa Via Sacra” de Maria perto de Éfeso. Ela visita Jerusalém**

Nas proximidades da sua residência, a Virgem Santíssima mandou erigir as Estações da Santa Via Sacra. Vi-a a princípio caminhando sozinha e medindo todos os pontos particulares da amarga Paixão segundo o número de passos que, depois da morte do Filho, ela tantas vezes contara. No final de cada número definido, ela ergueu uma pedra memorial em memória do sofrimento especial sofrido por seu Divino Filho. Eu a vi com um instrumento pontiagudo, um estilete, registrando o que havia acontecido e quantos passos foram necessários. Se por acaso houvesse uma árvore naquele local específico, ela a marcava como uma das Estações, das quais haviam doze. O caminho levava a um bosque, e lá estava o Santo Sepulcro representado por uma caverna na encosta de uma colina. Depois de marcadas definitivamente todas as Estações, a Virgem Santíssima fez o Caminho Sagrado com a sua criada em meditação silenciosa. Ao chegarem a uma estação, sentaram-se, meditaram sobre o mistério e seu significado e oraram. Aos poucos, todo o percurso foi melhorado e organizado de maneira mais bonita. João deu ordens para a construção de monumentos regulares. Vi também a caverna que representa o Sepulcro sendo esvaziada e tornada mais adequada para a oração. As pedras memoriais ficavam em cavidades de maior ou menor profundidade, cobertas de grama e flores e cercadas por uma cerca viva. Elas eram de mármore branco polido. A espessura da superfície subjacente não podia ser vista por causa da grama. Os fiéis, ao realizarem esta devoção, carregavam uma cruz de cerca de trinta centímetros de comprimento com um suporte que colocavam na pequena cavidade na superfície superior da pedra enquanto meditavam, ajoelhados ou prostrados de bruços. O caminho que corria num buraco ao redor da pedra era largo o suficiente para duas pessoas caminharem lado a lado. Havia doze dessas pedras. Quando a devoção terminava, cada um era coberto com uma esteira. Os lados e a base de todos traziam inscrições semelhantes em caracteres hebraicos, mas os locais onde ficavam eram diferentes, alguns sendo maiores, outros menores. A Primeira Estação, ou do Monte das Oliveiras, ficava num pequeno vale. Havia uma pequena caverna onde vários podiam se ajoelhar juntos. A Estação do Monte Calvário era a única que não estava em um buraco. Ficava em uma colina. Para a do Santo Sepulcro era preciso atravessar outra colina, em cujo lado oposto ficava a lápide memorial em uma cavidade. Daí descia-se até ao sopé da colina e entrava-se no próprio túmulo, onde mais tarde repousaram os restos mortais de Maria. Acho que esta tumba ainda existe sob a superfície da terra e que um dia virá à luz.

Sempre que via Maria fazendo a Via Sacra, ela usava uma roupa que caía em dobras nas costas até os pés. Era colocado sobre os ombros e preso sob a gola por um botão. Estava cingido na cintura, absorvendo assim a roupa interior acastanhada. Parecia ser um manto festivo, pois, de acordo com os antigos costumes judaicos, Ana também usava um semelhante. Seus cabelos estavam escondidos sob uma touca amarelada, pontiaguda na testa e presa em dobras na nuca. Um véu preto de material macio pendia bem abaixo da cintura. Com este vestido eu a vi fazendo a Via Sacra. Ela o usou na crucificação sob o manto de oração, ou luto, que a envolvia inteiramente, e agora ela o usava apenas quando realizava essa devoção. Quando trabalhava em casa, ela o deixava de lado.

A Virgem Santíssima estava agora muito avançada em idade, mas não tinha em sua aparência nenhuma outra marca de idade além de uma grande saudade, que finalmente efetuou sua glorificação. Ela estava inexprimivelmente séria. Eu nunca a vi rir. Quanto mais velha ela ficava, mais branco e transparente se tornava seu rosto. Ela era magra, mas não vi nenhuma ruga, nenhum sinal de decomposição nela. Ela era como um espírito.

Uma vez vi a Virgem Santíssima e outras cinco mulheres percorrendo o Caminho Santo, por onde ela passou primeiro. Ela era perfeitamente branca e transparente, indescritivelmente comovente de se olhar. Pareceu-me que ela estava fazendo a devoção pela última vez. Entre as santas mulheres que rezavam com ela, havia várias que a conheceram no primeiro ano de ensino de Jesus. Uma era parente da profetisa Ana e outra era neta de uma tia materna de Isabel. Vi duas das mulheres fazendo a Via Sacra alternadamente todas as manhãs e todas as noites.

Depois de Maria ter vivido três anos no assentamento perto de Éfeso, ela teve um grande desejo de visitar Jerusalém, então João e Pedro a escoltaram até lá. Vários apóstolos estavam ali reunidos, dos quais me lembro de Tomé. Creio que foi um Concílio e Maria ajudou os Apóstolos com os seus conselhos. Ao chegar, eu a vi no crepúsculo da noite visitando, antes de entrar na cidade, o Monte das Oliveiras, o Monte Calvário, o Santo Sepulcro e todos os Lugares Santos ao redor de Jerusalém. A Mãe de Deus estava tão triste, tão comovida de compaixão, que mal conseguia andar. Pedro e João apoiavam-na pelos braços.

Um ano e meio antes de sua morte, ela fez mais uma viagem de Éfeso a Jerusalém, e eu a vi novamente visitando os Lugares Santos. Ela estava indescritivelmente triste e suspirava continuamente: "Ó meu Filho! Meu filho!" Quando chegou à porta dos fundos daquele palácio onde viu pela primeira vez Jesus passar com a cruz e onde Ele caiu, ficou tão agitada pela dolorosa lembrança que também caiu no chão. Seus companheiros pensaram que ela estava morrendo. Eles a levaram para Sião, onde o Cenáculo ainda estava de pé, e em um de cujos edifícios ela fixou residência. Durante vários dias ela pareceu tão fraca e tão próxima da morte que seus amigos começaram a pensar em preparar um túmulo para ela. Ela mesma escolheu uma caverna no Monte das Oliveiras, e os Apóstolos mandaram construir ali um belo túmulo por um pedreiro cristão. Muitos eram da opinião de que ela realmente morreria; e assim a notícia de sua morte se espalhou pelo exterior. Mas ela recuperou forças suficientes para viajar de volta a Éfeso, onde, um ano e meio depois, morreu de fato. O túmulo preparado para ela no Monte das Oliveiras foi sempre reverenciado e, posteriormente, uma igreja foi construída sobre ele. João Damasceno, como me foi dito em visão, escreveu por boatos que a Virgem Santíssima morrera em Jerusalém e foi sepultada lá. A sua morte, a sua Assunção ao Céu e o local do seu túmulo, creio, Deus permitiu que fossem temas de tradição incerta para que os sentimentos pagãos da época não penetrassem no Cristianismo, pois de outra forma a Virgem Santíssima poderia ter sido adorada como uma deusa.

## Os Apóstolos chegam para assistir à morte da Virgem Santíssima

Sentindo a Virgem Santíssima aproximar-se o seu fim, segundo as indicações do seu Divino Filho, chamou a si os Apóstolos pela oração. Ela estava agora em seu sexagésimo terceiro ano. Na época do nascimento de Cristo, ela tinha quinze anos. Antes da sua Ascensão, Jesus tinha dado a conhecer à Sua Santíssima Mãe o que ela deveria dizer no final da sua carreira terrena aos Apóstolos e a alguns dos discípulos que deveriam estar com ela. Ele também lhe disse que ela deveria abençoá-los e que isso contribuiria muito para o bem-estar deles e para a salvação eterna. Ele confiou a ela também certos trabalhos espirituais para o bem geral, os quais, sendo realizados, seu anseio pelo Céu seria realizado. Ao mesmo tempo, Jesus informou a Madalena que ela viveria escondida no deserto e que Marta estabeleceria uma comunidade de mulheres. Ele acrescentou que Ele mesmo estaria sempre com elas. Pela oração da Virgem Santíssima, os Apóstolos receberam, através dos anjos, a admoestação de irem ter com ela em Éfeso. Nos vários lugares onde estavam, ergueram pequenas igrejas aqui e ali. Muitas delas foram construídas meramente com varas trançadas, ou galhos, cobertas com argila, mas todas tinham o mesmo formato da casa de Maria, isto é, três cantos na parte de trás. Eram dotados de altares para a celebração da Santa Missa. As viagens dos Apóstolos, tão distantes, tão remotas, não eram feitas sem a ajuda divina. Embora eles próprios talvez não tivessem consciência disso na época, não duvido que tenham passado por muitos perigos de maneira sobrenatural. Muitas vezes os vi caminhando despercebidos no meio da multidão, também vi que os milagres realizados por eles entre as diversas nações pagãs eram muito numerosos e de tipo diferente daqueles registrados sobre eles nas Sagradas Escrituras. Trabalhavam em todos os lugares, de acordo com as necessidades peculiares do povo. Vi que carregavam consigo os ossos dos Profetas ou dos primeiros mártires cristãos, relíquias que colocavam diante deles na hora da oração ou no oferecimento do Santo Sacrifício.

Quando chamado a Maria, Pedro estava na região de Antioquia com outro Apóstolo. André, que pouco antes estivera em Jerusalém, mas ali fora perseguido, não estava longe de Pedro. Vi os dois a caminho de Éfeso, em lugares não muito distantes um do outro. Passavam as noites naquelas pousadas abertas que se encontram ao longo das estradas dos países quentes. Certa noite, enquanto Pedro estava deitado perto de uma parede, um jovem resplandecente aproximou-se dele, pegou-o pela mão e pediu-lhe que se levantasse e corresse até Maria. No caminho, disse o jovem, ele encontraria André. Pedro, que estava enrijecido pela idade e pelo cansaço, sentou-se e, cruzando os joelhos com as mãos para se apoiar, ouviu as palavras do anjo. Então ele se levantou, vestiu seu manto, cingiu-se, pegou seu cajado e começou sua jornada. Logo ele encontrou André, que havia sido chamado pela mesma aparição. Depois de percorrerem uma certa distância, foram recebidos por Tadeu, que também recebeu um aviso semelhante. Eles viajaram juntos até Maria, com quem encontraram João.

Judas Tadeu e Simão estavam na Pérsia quando receberam a convocação. O apóstolo Tomé era de pequena estatura e tinha barba ruiva; Ele estava mais longe que todos e chegou depois da morte de Maria. Quando o anjo veio chamá-lo, ele estava orando em uma cabana construída de junco. Com um servo muito pobre e simples, vi-o navegar sozinho num pequeno barco, em águas muito além. Então ele viajou por todo o país, afastando-se de todas as cidades. Um discípulo agora o acompanhava. Tomé estava na Índia quando recebeu o aviso. Antes de recebê-lo, ele havia decidido ir para a Tartária e não conseguiu mudar seus planos. Ele sempre

quis fazer muito, por isso muitas vezes estava atrasado. Então ele partiu em direção ao norte, quase atravessando a China, onde agora situa a Rússia. Ali ele foi chamado pela segunda vez. Ele obedeceu à convocação e correu para Éfeso. O servo que estava com ele era um tártaro que ele havia batizado. Tomé não voltou para a Tartária após a morte de Maria. Ele foi perfurado por uma lança na Índia. Vi que ele ergueu uma pedra neste último país, sobre a qual se ajoelhou em oração e na qual as marcas de seus joelhos permaneceram impressas. Ele disse ao povo que quando o mar chegasse àquela pedra, outro pregaria Jesus Cristo ali.

João havia estado pouco antes em Jericó, pois viajava frequentemente para a Palestina. No entanto, ele geralmente residia em Éfeso e na região ao redor. Bartolomeu estava na Ásia, a leste do Mar Vermelho. Ele era bonito e muito ativo, com a pele clara e a testa alta. Ele tinha olhos grandes, cabelo preto encaracolado e uma barba curta e crespa, preta e repartida no queixo. Ele já havia convertido um rei e toda a família real. Paulo não foi convocado. Somente foram chamados aqueles que eram parentes ou conhecidos da Sagrada Família. Pedro, André e João foram os primeiros a chegar à casa da Virgem Santíssima. Ela já estava perto da morte. Ela estava deitada calmamente no sofá em seu lugar de dormir. Vi a criada muito triste neste e naquele canto da casa, também ao ar livre, onde rezava prostrada e com os braços estendidos. Vi também duas irmãs de Maria e cinco discípulos vindo juntos para a casa. Todos pareciam cansados e exaustos. Eles carregavam cajados de vários tipos, cada um de acordo com sua posição. Eles usavam, sob os mantos de lã branca com capuz, longas alvas do mesmo material, presas na frente com pequenas tiras de couro cortadas no meio sobre pequenos rolos como botões. Tanto o manto quanto a alva eram cingidos bem alto durante a viagem. Alguns tinham uma bolsa pendurada na cintura ao lado. Eles se abraçaram com ternura quando se conheceram. Muitos choraram devido a sentimentos mistos de alegria e tristeza ao se reunirem em tal ocasião. Ao entrarem na casa, deixaram de lado os mantos, os cajados, as bolsas e os cintos; permitiram que suas vestes brancas caíssem em largas dobras até os pés, e cada um vestiu um cinto largo com letras inscritas, que trouxeram, consigo. Então, com profunda emoção, aproximaram-se do sofá de Maria para saudá-la, embora ela agora pudesse dizer apenas algumas palavras. Não vi os viajantes levarem nada ao chegar, exceto algum tipo de bebida em um pequeno frasco, com o qual que cada um vinha munido. Não dormiram dentro de casa, mas fora, sob toldos luminosos, colocados em postes encostados às paredes, divididos e cercados por telas móveis e vime.

Vi que os primeiros a chegar preparavam no apartamento da frente da casa um local adequado para a oração e a oferta do Santo Sacrifício. Havia um altar coberto com um pano vermelho e sobre ele um pano branco, e sobre ele havia um crucifixo, branco como madrepérola e em forma de cruz de Malta. A cruz poderia ser aberta. Continha cinco compartimentos, também em forma de cruz. O do meio continha o Santíssimo Sacramento, enquanto os outros eram destinados respectivamente ao crisma, óleo, algodão e sal. Não tinha exatamente um palmo, ou nove polegadas de comprimento. Cada um dos Apóstolos, quando viajava, carregava no peito um igual. Foi nesta cruz que Pedro levou a Maria a Sagrada Comunhão, durante a recepção da qual os Apóstolos se curvaram, dispostos em duas filas, desde o altar até ao seu leito. O altar, diante do qual havia um suporte com rolos de Escrituras pendurados sobre ele, não ficava no centro do apartamento da frente, onde ficava a lareira, pois ainda estava em uso. Foi colocado perto da parede à direita e era erguido e desmontado todos os dias.

Quando os Apóstolos entraram todos juntos no pequeno quarto de dormir de Maria para se despedirem dela, vestiram as suas longas alvas brancas e os seus mantos

largos. As telas que separavam a frente da parte de trás da casa foram removidas. Os discípulos e as santas mulheres permaneceram de pé no apartamento da frente. Vi que Maria estava sentada ereta, que os apóstolos se ajoelhavam ao lado de seu leito, e que ela orava por cada um e o abençoava com as mãos cruzadas sobre ele. Ela fez o mesmo com os discípulos e com as mulheres. Um destes últimos, que estava dobrado em dois sobre Maria, recebeu dela um abraço. Quando Pedro se aproximou do sofá, vi que ele tinha um rolo de Escrituras nas mãos. Maria então se dirigiu a eles em grupo, e fez tudo o que Jesus havia ordenado que ela fizesse em Betânia, vi também que ela disse a João o que deveria ser feito com seus restos mortais, e que ele deveria providenciar para que suas roupas fossem divididas entre a sua criada e uma donzela da vizinhança que às vezes vinha prestar seu serviço. Enquanto falava, ela apontou para a prensa, ou divisória, e vi a empregada indo até ela, abrindo e fechando.

## **Morte, Sepultamento e Assunção da Virgem Santíssima**

E agora o altar com as suas tampas, uma vermelha, outra branca, foi colocado em frente do próprio oratório do Crucifixo da Virgem Santíssima. Pedro ali celebrou a Santa Missa com as mesmas cerimônias que eu o vi observar pela primeira vez na igreja do tanque de Betsaida. Velas, e não lâmpadas, estavam acesas no altar. Maria ficou sentada em seu sofá durante toda a celebração. Pedro estava vestido com o grande manto e o pálio, cujas cores variavam do branco ao vermelho. Estes ele usava sobre o manto branco. Os quatro apóstolos que o auxiliavam também estavam revestidos de mantos festivos. Após a Comunhão, Pedro deu o Santíssimo Sacramento a todos os presentes. Durante esta Santa Missa, Filipe chegou do Egito. Chorando amargamente, recebeu a bênção da Virgem Santíssima e depois das outras o Santíssimo Sacramento.

Pedro levou o Santíssimo Sacramento a Maria na cruz pendurada no peito, e João levou num prato raso o cálice contendo o Santíssimo Sangue. Este cálice era branco, pequeno como se fosse para servir, e do mesmo formato daquele usado na Última Ceia. Sua haste era tão curta que só podia ser segurada com dois dedos. Tadeu trouxe então uma pequena bacia de incenso. Pedro primeiro deu à Virgem Santíssima a última unção, tal como esse Sacramento é administrado hoje. Em seguida, ele administrou a Sagrada Comunhão, que ela recebeu sentada sem apoio. Então ela afundou novamente no travesseiro e, depois de os apóstolos terem feito uma breve oração, ela recebeu o cálice de João, mas agora não em uma postura tão ereta.

Depois da Comunhão, Maria não falou mais. Seu semblante, florescente e sorridente como na juventude, elevou-se. Já não via o telhado do seu quarto e a lâmpada parecia suspensa ao ar livre. De Maria surgiu um caminho de luz até à Jerusalém celeste, até ao trono da Santíssima Trindade. Em ambos os lados deste caminho vi nuvens de luz de onde olhavam rostos angelicais. Maria ergueu os braços para a Jerusalém Celestial. Seu corpo, com todos os seus envoltórios, flutuava tão alto acima do sofá que eu podia ver embaixo dele. Uma figura de luz, também com os braços erguidos, parecia sair de Maria. Os dois coros de anjos uniram-se sob esta figura e elevaram-se com ela, como se a separassem do corpo, que agora afundava no sofá, com as mãos cruzadas sobre o peito. Muitas almas santas, entre as quais reconheci José, Ana, Joaquim, João Batista, Zacarias e Isabel, vieram ao seu encontro. Mas ela subiu, seguida por eles, até seu Filho, cujas Chagas emitiam uma luz muito mais brilhante do que aquela que O rodeava. Ele a recebeu e colocou em sua mão um cetro, apontando ao mesmo tempo para toda a circunferência da terra.

Finalmente vi, e a visão me encheu de alegria, uma multidão de almas libertadas do Purgatório e subindo ao Céu, e tive a certeza de que todos os anos, na festa da Assunção de Maria, muitos dos seus devotos fiéis são libertados do Purgatório. A hora da morte de Maria foi-me revelada como sendo a hora nona, hora em que também Jesus morreu na cruz. Pedro e João também devem ter visto a glória da alma abençoada de Maria, pois seus rostos estavam voltados para cima, mas os outros apóstolos estavam ajoelhados e curvados até o chão. O corpo da Virgem Santíssima jazia radiante de luz sobre o sofá, os olhos fechados, as mãos cruzadas sobre o peito. Todos os presentes se ajoelharam, adorando a Deus.

Por fim as mulheres cobriram os restos abençoados com um lençol, deixaram de lado todos os móveis da casa e cobriram, cobrindo até a lareira. Depois cobriram-se com o véu e rezaram juntos num espaço na frente da casa, ora ajoelhados, ora sentados. Os apóstolos também envolveram a cabeça com o lenço que usavam nos ombros e se posicionaram para orar. Eles se revezaram, dois de cada vez, para se ajoelhar e orar diante da cabeça e dos pés dos restos mortais abençoados. Eu os vi trocando de lugar quatro vezes por dia, e também os vi fazendo a Via Sacra.

André e Matias estavam ocupados preparando o local do sepultamento, que era a pequena gruta que Maria e João haviam preparado no final da Via Sacra, para representar o Santo Sepulcro de Cristo. Não era tão grande quanto o túmulo de Jesus, mal chegava à altura de um homem, e era cercado por um pequeno jardim cercado por estacas. Um caminho descia obliquamente até ele, e o leito de pedra, que parecia um altar estreito, era escavado no topo, formando um corpo envolto em seu lençol, com a cabeça um pouco mais alta que os pés. A Estação do Monte Calvário (a Crucificação) ficava em uma colina próxima. Nenhuma cruz foi erguida sobre ela, mas havia uma talhada na pedra. André foi especialmente ativo na preparação da gruta e na colocação de uma porta firme em frente ao túmulo propriamente dito.

O corpo sagrado foi preparado pelas santas mulheres para o sepultamento. Entre estas mulheres lembro-me de uma filha de Verônica e da mãe de João Marcos. Trouxeram ervas e essências aromáticas e procederam ao embalsamamento conforme o costume dos judeus. Eles fecharam as portas e usaram luzes em seu trabalho. Eles também fecharam a parede divisória do quarto de Maria e limpavam essa divisão para ter mais espaço. As divisórias e esteiras que dividiam a cama de Maria foram retiradas pela empregada, assim como o armário dos vestidos. Apenas o altar permaneceu em frente ao Crucifixo da Virgem, no oratório, e assim todo aquele espaço foi convertido em igreja, onde os apóstolos podiam rezar e celebrar os serviços divinos.

Enquanto as santas mulheres preparavam o corpo sagrado para o sepultamento, os apóstolos rezavam em coro, parte na primeira sala e parte fora. As mulheres prosseguiram no seu trabalho com a reverência com que deveriam tratar um corpo tão sagrado. Fizeram-no com o mesmo cuidado com que trataram o corpo sagrado de Jesus. O corpo sagrado de Maria foi colocado com a sua vestimenta num cesto, confeccionado de acordo com o formato do corpo, de forma que saísse da caixa.

O corpo era branco, luminoso, tão leve e espiritualizado que se levantava facilmente. O rosto estava fresco, rosado e jovem. As mulheres cortaram cabelos para preservar as relíquias da Virgem.

Colocaram plantas aromáticas em volta do pescoço e da cabeça, debaixo dos braços e nas axilas.

Antes de colocarem sobre o corpo vestido de branco, outras telas brancas para envolver tudo, São Pedro celebrou, diante do corpo sagrado, a santa Missa, e deu aos apóstolos a Comunhão. Depois, Pedro e João aproximaram-se, com os seus

magníficos trajes de festa. João segurava um recipiente com orações, bálsamo, e Pedro ainda ungiu, em forma de cruz e óleo a testa, as mãos e os pés do corpo sagrado, e então as santas mulheres envolveram tudo com lençóis brancos. Sobre a cabeça puseram uma coroa de flores brancas, vermelhas e azuis, como símbolo da sua virgindade.

Sobre o rosto, puseram um lençol transparente, para que se pudesse ver o rosto. Os braços estavam cruzados sobre o peito, e os pés, cercados por ervas odoríferas, coberto com um gênero transparente. Assim preparado, o corpo sagrado foi finalmente colocado numa caixa de madeira branca, com uma tampa que por cima, pelo meio e por baixo podia ser presa à caixa. Este caixote foi colocado sobre umas andares. Tudo foi feito com certa solenidade e calma emoção; o luto também foi com maior exterioridade e sinais de dor do que no túmulo de Jesus, onde houve mistura de medo e pressa por causa dos inimigos.

Para levar o corpo sagrado até a gruta, a cerca de meia hora de caminho, eles fizeram assim: Pedro e João levantaram o corpo das escadas e o levaram até a porta da casa, onde o colocaram de novo sobre as escadas e o levaram nos ombros.

Seis deles se revezam para levar o depósito sagrado. O corpo sagrado pendia entre as barras dos andares, correndo entre cintos e estofos, como um berço.

Na frente desta procissão, parte dos apóstolos rezavam e as santas mulheres atrás, fechando o cortejo. Eles carregavam tochas enfiadas em cabaças e levantadas sobre longos pauzinhos.

Chegando à gruta, desceram caixão. Os apóstolos trouxeram o corpo e depositaram-no no buraco cavado de antemão. Todos passaram mais uma vez diante dos sagrados despojos para rezar e honrá-los. Depois cobriram o túmulo inteiro com um tapete. Diante da gruta, cavaram um buraco e trouxeram uma planta bastante grande com suas raízes e bagens, plantaram-na profunda e regaram-na abundantemente para que ninguém pudesse entrar pela frente na gruta. Ela só podia ser alcançada pelos lados, por entre os arbustos.

## **A gloriosa Assunção de Maria Santíssima**

Na noite do sepultamento aconteceu a Assunção da Virgem ao Céu com o seu corpo. Eu vi vários apóstolos e mulheres naquela noite orando em frente à gruta ou, melhor, no pequeno jardim da frente. Vi descer do céu um caminho luminoso e três coros de anjos rodeando a alma de Maria, que veio resplandecente para se estabelecer sobre o sepulcro.

Diante da alma vinha Jesus com as suas feridas luminosas. No interior da glória, onde estava a alma de Maria, viam-se três coros de anjos. A mais interna parecia-se com a face de anjos de crianças pequenas; a segunda fila era a face de criaturas de seis a oito anos de idade, e a mais externa era a de jovens. Só se distinguiam bem os rostos: o resto do corpo era como uma estela luminosa um tanto indeterminada.

Ao redor da forma da cabeça de Maria havia uma coroa de anjos. Não podia dizer o que os presentes viam: só os via olhar para cima, cheios de admiração e emoção. Às vezes, cheios de admiração, deitavam-se de bruços no chão. Quando esta aparição se tornou mais clara e pôs-se sobre o túmulo, abriu-se um caminho de lá para a Jerusalém celestial. A alma de Maria, passando à frente de Jesus, penetrou através da pedra no sepulcro; depois levantou-se de lá com o seu corpo, resplandecente de luz, e dirigiu-se triunfante, com o acompanhamento angélico, à Jerusalém celestial.

Dias depois, quando os apóstolos estavam orando em coro, o apóstolo Tomé chegou com dois companheiros. Um deles era o discípulo Jonathan Eleazar e um criado da terra dos Reis Magos. Tomé ficou muito aborrecido ao ouvir que Maria já

havia sido colocada no túmulo. Chorou amargamente e não pôde se consolar por ter chegado tão tarde. Com seu discípulo Jonathan ajoelhou-se, chorando muito aflito, diante do lugar onde havia sido o trânsito de Maria. Ele também orou diante do altar ali erguido. Os apóstolos, que não tinham interrompido o seu canto coral dos salmos, vieram então: levantaram-no com carinho, abraçaram-no e ofereceram-lhe pão, mel e alguma bebida. Depois, acompanharam-no, carregando luzes, ao sepulcro. Dois discípulos retiraram os ramos do arbusto. Tomás e Eleazar oraram diante do túmulo. João abriu as três pretinas que fechavam o caixote. Tiraram a tampa de lado e viram, com grande admiração, o sepulcro vazio. Só estavam lá os lençóis e os tecidos com que tinham envolvido os restos sagrados. Estava tudo em perfeita ordem. O lençol estava arrastado pela parte do rosto e aberto pela parte do peito. As ligaduras dos braços e das mãos apareciam abertas, colocadas em boa ordem. Os apóstolos levantaram as mãos em sinal de grande admiração, e João gritou: "Ela não está mais aqui. Os outros aproximavam-se, olhavam, choravam de alegria e admiração: oravam com os braços levantados e os olhos no alto, e deitavam-se no chão pensando na luz que tinham visto na noite passada. Depois, pegaram todos os lençóis e o caixão com eles, como relíquias, e levaram tudo para a casa, orando e cantando salmos em ação de graças. Quando chegaram a casa, João colocou as telas dobradas em frente ao altar. Tomé e os outros estavam orando. Pedro afastou-se um pouco, preparando-se para os mistérios. Depois vi-o celebrar a Missa diante do Crucifixo de Maria, e os outros apóstolos atrás dele, em ordem, orando e cantando. As mulheres estavam junto à porta e perto da lareira. O criado de Tomé tinha aparência de estrangeiro: olhos pequenos, os ossos das bochechas levantados, testa e nariz afundados e cor castanha. Ele já era batizado e era simples em seu modo de ser, muito submisso e humilde. Ele fazia tudo o que lhe ordenavam: ficava de pé ou sentava-se conforme lhe diziam; voltava os olhos para onde lhe indicavam; ia e vinha conforme lhe ordenavam; sorria para todos. Quando viu o Tomé a chorar, ele também chorou. Ele era o companheiro inseparável e ajudante de Tomé, e eu o vi levantar pedras muito grandes quando Tomé estava construindo alguma capela.

Via os apóstolos frequentemente reunidos contando em que países estiveram em missão, e o que lhes aconteceu neles. Antes dos apóstolos se separarem para voltarem aos seus respectivos países, foram ao sepulcro, e cavaram e lançaram terra e impedimentos tornando impossível o acesso à gruta. De uma parte desta deixaram um acesso até a parede com uma pequena abertura para olhar para dentro. Este sendério era conhecido apenas pelas santas mulheres que ali habitavam. Sobre a gruta ergueram uma capela com madeiras e tapetes, coberta com adornos. O pequeno altar interior era de pedra com uma escada também de pedra. No altar penduraram uma tela onde estava bordada a imagem de Maria em seu vestido de festa. O jardim foi transformado, assim como as estações da Via Crucis e o percurso entre orações e cânticos. O espaço onde a Virgem tinha o seu crucifixo, o seu altar e o seu quarto foi transformado em igreja. A criada de Maria ocupou o quarto da frente e Pedro deixou dois discípulos para cuidar dos cristãos que viviam nos arredores. Os apóstolos despediram-se, depois de se abraçarem mais uma vez e de terem celebrado a Missa no quarto de Maria. Alguns voltaram mais tarde, conforme a ocasião, a este lugar para rezar. Vi que em alguns lugares os fiéis erigiram capelas imitando a forma da casa de Maria e que a Via Crucis e o oratório de seu túmulo foram muito visitados em anos posteriores pelos primeiros cristãos.

Tive uma visão referente à devoção a Maria nos tempos primitivos. Uma mulher dos arredores de Éfeso tinha grande devoção à Virgem, e tendo visitado sua casa e

visto o altar, mandou fazer um semelhante em sua casa, que o cobria com uma tapeçaria de preço muito elevado. Anos depois, a mulher ficou pobre e teve de vender parte de seus bens. A sua necessidade chegou ao ponto de se ver obrigada a vender a bela tela do altar de Maria, e o fez a uma mulher cristã casada. Quando chegou a festa da Assunção, ficou muito perturbada por não ter aquele belo pano com que adornava o altar da Virgem. Com esta aflição, resolveu ver a mulher que lhe comprou a tela, pedindo-lhe que lhe emprestasse, apenas por um dia, para decorar o altar de Maria. Esta mulher, que tinha tido duas crianças gêmeas, não quis aceitar o seu pedido, e o marido chegou a dizer: "Maria está morta e não precisa desta roupa; ao contrário, a minha mulher, que a comprou, precisa dela. A piedosa mulher afastou-se muito triste e expôs a sua dor à Virgem. Naquela mesma noite, vi o que aconteceu na casa daquela família. A Virgem apareceu-lhes, com rosto irado, e disse-lhes que, em castigo pela sua dureza para com a pobre mulher, seus dois filhos gêmeos morreriam e eles seriam reduzidos a uma miséria maior do que a da pobre mulher. Os dois acordaram com um certo temor, embora o tenham tido como um simples sonho no início. Mas grande foi o seu espanto quando encontraram os seus dois filhos mortos. Só então reconheceram sua grave culpa, e o homem foi com muita humildade apresentar à pobre mulher a tela pedida para a festa de Maria, e assim obtiveram que não se realizasse a outra parte do castigo com que haviam sido ameaçados.

Só João Evangelista estava em casa; os outros foram-se embora. Vi João, em cumprimento da ordem da Santíssima Virgem, distribuir as roupas, que a Virgem havia deixado, à criada e a outra mulher que vinha freqüentemente ajudar nas tarefas da casa. No armário foram encontrados alguns objetos provenientes dos três Reis Magos. Vi duas longas vestimentas brancas, vários véus, cobertores e alguns tapetes, e também vi o vestido que Maria tinha usado nos casamentos de Caná e que vestia quando ia para a Via Crucis. Tenho um pedaço deste vestido. Parte do dinheiro foi para a Igreja. Assim, foi possível fazer um adorno sacerdotal para a igreja de Bethesda com o belo véu nupcial de cor azul, bordado de ouro e semeado de rosas. Em Roma ainda existem relíquias desta peça. Eu vi-as lá, mas não sei se alguém conhece estas relíquias. Maria usou essas roupas na época de seus noivado e nunca mais depois. Todas estas coisas foram feitas em silêncio: tudo prosseguia bem e em segredo, pois ainda não havia essa agitação, essa inquietação tão própria de nossos tempos. A perseguição não havia desenvolvido a rede de espionagem e tudo ainda estava em paz em torno da comunidade cristã.

## **Casa da Virgem Santíssima em Éfeso - por Robert Larson**

Em 18 de outubro de 1881, um padre francês, o Abade Julien Gouyet de Paris, descobriu uma pequena construção de pedra numa montanha com vista para o Mar Egeu nas ruínas da antiga Éfeso, na Turquia. Ele acreditava que era a casa onde a Virgem Maria viveu nos últimos anos de sua vida na terra, conforme descrito nas visões da Irmã Emmerich. A sua descoberta foi inicialmente ridicularizada e ignorada, mas dez anos depois, em 1891, dois missionários lazaristas de Izmir redescobriram o edifício, usando a mesma fonte como guia. Soube-se então que a pequena ruína era venerada desde tempos imemoriais pelos membros de uma distante aldeia montanhosa, descendentes dos antigos cristãos de Éfeso. Chamavam-na de Panaya Kapulu, Casa da Santa Virgem, acreditavam que foi ali que Nossa Senhora havia morrido e todos os anos faziam uma peregrinação até lá no dia 15 de agosto, Festa da Assunção.

A descoberta reviveu uma crença cristã primitiva chamada Tradição de Éfeso, que teve muitos apoiadores eruditos na Igreja. Resumidamente, baseia-se na afirmação de que Jesus, desde a Cruz, colocou Sua Mãe aos cuidados de São João Evangelista, Seu discípulo amado (“e desde aquela hora o discípulo a acolheu” - João 19: 27), além do fato de que São João viveu em seus últimos anos e morreu em Éfeso. Há também indicações em Atos 8:1, 9:26-30, 11:19 e 12:1-2 de que ele (e, portanto, Maria com ele) pode ter deixado Jerusalém por causa da perseguição em 35 d.C., quando muitos cristãos fugiram. da Cidade Santa e da Terra Santa. Esses textos também mostram que ele não esteve lá durante os quatorze anos seguintes, período durante o qual se pode presumir que Maria ainda estava viva.

Éfeso também é o local da antiga Igreja de Santa Maria, uma das igrejas mais antigas do mundo dedicada à Virgem. Foi construída na época do imperador Constantino, por volta de 330 d.C., quando os cristãos foram autorizados a adorar publicamente no Império Romano. Nessa época, era incomum - e alguns estudiosos acham que não era permitido - que as igrejas fossem nomeadas em homenagem aos santos, exceto em locais tornados sagrados por sua residência ou morte.

A Tradição de Éfeso é mencionada nos escritos de Santo Epifânio de Salamina (315-403 d.C.) e, como tal, é a mais antiga crença cristã primitiva conhecida, da qual há registro a respeito do último lar terrestre de Nossa Senhora. Apesar da sua antiguidade, no entanto, permaneceu pouco conhecida e, com o tempo, foi quase completamente eclipsada por outra crença mais popular, embora posterior, ou seja, a de que Jerusalém foi o local da morte e Assunção da Virgem Santíssima. Contudo, a Tradição de Éfeso nunca foi completamente esquecida. No século XVII, o eminente historiador da igreja, Tillemont, adotou-o; e no século XVIII o erudito Papa Bento XIV (pontificado 1740-1758) escreveu num tratado sobre as últimas palavras de Cristo na cruz que “S. João, partindo para Éfeso, levou Maria consigo, e foi lá que a Mãe Santíssima voou para o Céu.”

Após a descoberta da Casa da Virgem, o Papa Leão XIII abençoou a primeira peregrinação internacional a ela e, em 1896, interrompeu as indulgências anteriormente ligadas ao “Túmulo da Virgem” em Jerusalém. Seu sucessor, São Pio X, incentivou grandemente a devoção ao santuário. E em 1951, o Papa Pio XII, o papa que definiu o dogma da Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria ao Céu, retirou do Breviário um texto que se referia à tradição de Jerusalém. Ele também elevou o Túmulo de São João, a Igreja de Santa Maria e a Casa da Virgem à categoria de Lugares Santos, um privilégio mais tarde tornado permanente pelo Papa João XXIII - fazendo assim de Éfeso, por assim dizer, uma nova Cidade Santa para o mundo moderno.

Nessa altura, o interesse pela Casa da Virgem já tinha despertado a tal ponto que foi construída uma estrada até ela e restaurada a ruína isolada na montanha. Desde então, tem sido visitado por um número crescente de peregrinos de todo o mundo, incluindo o Papa Paulo VI, que esteve lá em 26 de julho de 1967, e o Papa João Paulo II, que o visitou em 30 de novembro de 1979.